



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

UM OLHAR SOBRE O  
“DIÁRIO DE ANNE FRANK”

MARTA MAGALHÃES DOS SANTOS

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Antónia Trigueiros de Castro Carreiras

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Antónia Trigueiros de Castro Carreiras

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA

Especialidade em Psicologia Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Antónia Carreiras, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de clínica conforme o despacho da DGES, n.º 19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

*Vós que viveis tranquilos  
Nas vossas casas aquecidas,  
Vós que encontrais regressando à noite  
Comida quente e rostos amigos:  
Considerai se isto é um homem  
Quem trabalha na lama  
Quem não conhece a paz  
Quem luta por meio pão  
Quem morre por um sim ou por um não.  
Considerai se isto é uma mulher,  
Sem cabelo e sem nome  
Sem mais força para recordar  
Vazios os olhos e frio o regaço  
Como uma rã no Inverno.  
Meditai que isto aconteceu:  
Recomendo-vos estas palavras.  
Esculpi-as no vosso coração  
Estando em casa, andando pela rua,  
Ao deitar-vos e ao levantar-vos;  
Repeti-as aos vossos filhos.  
Ou que desmorone a vossa casa,  
Que a doença vos entrave,  
Que os vossos filhos vos virem a cara.*

Primo Levi, *Se isto é um Homem* (1958).

*We laymen have always been curious to know from what source that  
strange being, the creative writer, draws his material, and how he manages  
to make such an impression on us with it.*

Freud (1908).

## AGRADECIMENTOS

Tenho a agradecer aos meus pais todo o apoio que me deram ao longo destes seis anos. Obrigada pela paciência, pelo investimento que fizeram em mim desde sempre, pelo apoio nas horas mais difíceis e pelo entusiasmo com que sempre partilharam as minhas conquistas que também são vossas. À minha mãe, pela sua sinceridade, carinho e compreensão; pelos seus conselhos sábios e por me ajudar a ultrapassar qualquer obstáculo. Ao meu pai por mostrar sempre orgulho em mim, por me olhar como a menina dos seus olhos e por me ter inculcado desde pequena o interesse sobre este tema.

Ao meu avô Quico, que gostaria de partilhar esta alegria comigo mas que continua sempre a acompanhar-me em todas as conquistas da minha vida mesmo não estando presente fisicamente.

Um especial agradecimento ao meu amor, Feitinhas, por ser mais do que namorado, o meu melhor amigo, o meu porto seguro. Pelo apoio incondicional durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Foste tu que me deste a motivação necessária para o acabar, foste tu que me puxaste para cima quando precisei. Obrigada por viveres isto tão intensamente como eu.

A todos aqueles que encontrei e que me inspiraram ao longo do curso, que partilharam as suas experiências comigo, os que me mudaram e que se deixaram mudar por mim, aqueles com quem eu vivi coisas que possivelmente nunca mais terei a oportunidade de viver. A todos com quem vivi esta passagem de menina a mulher.

Destaco as minhas colegas de licenciatura, onde tudo começou: Ana Pais, Ana Batista, Tonia Spang, Raquel Miriam, Sara Martins e Maria Fevereiro. Obrigada pelas gargalhadas, pela alegria de viver tão genuíno destes primeiros anos.

Ao Pedro Carmona e Andrea D'Oliveira, pelo seu carinho e amizade e por assistirem e participarem no meu crescimento nos últimos 4 anos.

Às amigadas que chegaram mais tarde: Sofia Ferreira (por me mostrares o lado prático da vida e por me acompanhares neste processo longo, penoso mas gratificante), Mariana G. Pires (pela tua forma única de ser, pelas tuas palavras sempre sábias e por me conseguires colocar na ordem), Daniela Santos (pelas gargalhadas que provocas, contigo um dia péssimo torna-se um dia solarengo), Catarina Nobre (pela empatia por todo este processo e fascínio pelo tema) e Mário Nave (por conter a minha ansiedade no período final sempre com boa disposição).

À ActuaTuna, uma parte muito importante deste meu percurso académico. Obrigada por todos os bons momentos que passei com todos vós, momentos que me permitiram revelar algo nunca antes mostrado publicamente, obrigada por permitirem esta descoberta e evolução. Agradeço em jeito especial à Filipa Pacheco, Ana Pereira, Mariana Silva, Patrícia Machado, João Álvaro, João Santos, e a ti Ivan.

À minha orientadora, Prof. Doutora Maria Antónia Carreiras, por toda a disponibilidade e paciência para com este processo moroso de criação, pela ajuda indispensável em organizar o turbilhão de ideias que tinha lugar na minha cabeça, um trabalho que sem a sua ajuda seria impossível.

Ao ISPA, que foi uma casa, nem sempre a segunda, muitas vezes a primeira.

Por fim, Obrigada.

## RESUMO

O *Diário de Anne Frank*, um testemunho do Holocausto, retrata a vida de uma adolescente dos 13 aos 15 anos durante dois anos e um mês dentro de um Anexo Secreto com outros sete residentes.

Tendo por base uma perspectiva psicanalítica, pretendeu-se conhecer melhor Anne Frank. Analisou-se os processos psicológicos inerentes à adolescência da jovem escritora, incluindo a vivência da sua sexualidade, consolidação da identidade e a mudança do objecto de amor.

Foi tido em conta o facto desta adolescência ter sido vivida num regime de clausura num esconderijo, com uma constante ameaça de morte e sem ser possível um afastamento familiar e comunicação com os pares. Analisou-se ainda que estratégias Anne usou para o seu mundo interno não se desmoronar e que papel o diário teve neste período de reclusão.

Atendendo a diversos autores que escreveram acerca da expressão emocional através do processo criativo e, mais especificamente, da escrita, colocamos a hipótese do diário ter para Anne um potencial poder reparador. A partir da Teoria do Pensamento de Bion, analisamos esta capacidade que a escrita pode ter e realizamos um paralelismo com o diário e concluímos que, de facto, o diário apresenta uma função reparadora para a autora.

**Palavras-Chave:** Anne Frank, Adolescência, Reclusão, Escrita.

## ABSTRACT

*Anne Frank: The Diary of a Young Girl*, a Holocaust testimony, portrays the life of a teenager of 13 to 15 years old for two years and one month in a Secret Annex with seven other residents.

Based on a psychoanalytic perspective, we sought to learn more about Anne Frank. It was examined the psychological processes inherent to the adolescence of this young writer, including the experience of their sexuality, identity consolidation and the shift of the love object.

It was taken into consideration the fact that this adolescence was lived in reclusion in a hideout, with a constant death threat and without being possible the familiar distance and communication with peers. It was also studied what strategies Anne used for her internal world not fall apart and what function the daily paper had in this period of confinement.

Taken in consideration several authors who have written about the emotional expression through the creative process and, more specifically, the writing process, this work asks the question: is Anne's diary have a potential therapeutic power? From Bion's Theory of Thinking, it's examined this capacity that writing might have, and it's performed a comparison with the diary and concluded that, indeed, the diary has a restorative function for the author.

**Keywords:** Anne Frank, Adolescence, Reclusion, Writing.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
PARTE I: ANNE FRANK E O MEIO ENVOLVENTE .....	6
1.1 Anne Frank – Biografia .....	7
1.2 Contextualização histórica .....	9
1.2.1 Frankfurt nos anos 20 – Um retrato da cidade .....	9
1.2.2 A ascensão do Partido Nazi .....	10
1.2.3 Judeus na Alemanha .....	13
1.2.4 Ocupação alemã na Holanda .....	14
1.3 Família Frank .....	18
1.3.1 Otto: Pai de Anne .....	18
1.3.2 Edith: Mãe de Anne .....	19
1.3.3 Margot: Irmã de Anne .....	20
PARTE II: O DIÁRIO .....	22
2. Acerca da obra .....	23
2.1 Personagens do diário .....	24
2.2 Processo criativo .....	25
2.2.1 O criar e a escrita – função reparadora .....	27
2.2.2 A escrita de e para Anne .....	30
PARTE III: O MUNDO LÁ FORA .....	34
3.1 Exclusão Social .....	35
3.1 Reclusão .....	36
3.2 Anne e o Mundo “lá fora” .....	37
PARTE IV: A ADOLESCÊNCIA DE ANNE .....	41
4. Adolescência .....	42
4.1 Identidade .....	44
4.2 Mudança do objecto de amor .....	46
4.3 Sexualidade de Anne .....	47
PARTE V: CONCLUSÃO .....	54
5. Considerações finais .....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	58



## INTRODUÇÃO

O Homem pensa através de uma fala silenciosa. Realmente, pensa-se, falando. Um falar interior e próprio. É esta fala que define o que se quer e pode transmitir e que funciona como um mediador do nosso interior com o mundo. A palavra evoca o objecto carregada de conteúdos valorativos, pois, como toda a acção, também as palavras não são neutras, não estão isentas de valores (Ostrower, 1975). Pelo contrário, as palavras e o pensar são orientadas por um propósito selectivo e qualificador, tornando-se mais que um simples assinalar, são um representar com conteúdos, um avaliar, um significar. Através das palavras, Anne Frank conseguiu transmitir ao mundo o que lhe era mais pessoal e íntimo.

Anne Frank. Um nome de que todos já ouvimos falar, que ficou conhecido no mundo inteiro pelo seu testemunho pessoal em registo de diário e pela forma como sublinhou a sua vivência durante o período em que viveu em clandestinidade escondida no nível superior de um edifício em Amesterdão. Anne era alguém que tinha os pensamentos que todos nós temos, sentimentos que todos nós experienciamos, dúvidas acerca da sexualidade e conflitos com os pais como é típico de um adolescente. A sua naturalidade, expressa de forma tão bonita, é o que faz do seu diário algo tão memorável. Ao analisarmos o mundo em que Anne viveu, conseguimos observar uma realidade em mudança, completamente diferente do mundo conhecido até aquela altura da História. Uma realidade ameaçadora, a descoberta de um mundo novo que se foi tornando a pouco e pouco mais confinado e sem saída.

O meu primeiro contacto com o Diário de Anne Frank foi com 13 anos de idade quando o li pela primeira vez. Criou-se desde logo uma afeição por esta rapariga, da mesma idade que eu, com as mesmas dúvidas, a sentir-se incompreendida pelos adultos, questionando o ser humano e o Mundo e com uma ânsia de expressar os seus sentimentos, os pensamentos mais profundos, tal como eu tinha essa necessidade e, por isso, também eu escrevia num diário. O interesse que sempre tive em História e principalmente na Segunda Guerra Mundial, sempre me fez procurar saber mais sobre o Holocausto e o Genocídio cometido pelo regime nazi por me parecer tão inverosímil que tais acontecimentos tivessem tido lugar. O Diário veio completar, a partir do testemunho de Anne, esta necessidade de aprofundar o conhecimento acerca da perseguição aos judeus. Aos 13 anos fascinou-me como é que uma menina como eu e a viver o seu dia-a-dia de sempre, vê privados os direitos e actividades típicas de uma jovem adolescente. Questionei-me: como é que se passa a viver num espaço fechado, onde não se pode fazer barulho, a partilhar quarto com um homem mais velho com quem

não tinha qualquer tipo de empatia, sem poder correr nem respirar ar-livre, sem poder ir à escola e estar com os amigos rindo à gargalhada? Tudo porque Hitler assim o quis. Parecia-me impossível conseguir viver dois anos nestas condições, sendo que no período final no Anexo, praticamente já nem tinham comida ou dinheiro, vivendo num constante medo de serem descobertos a qualquer momento e, em última instância, de morrer.

Voltei a ler o diário, passados 10 anos, com uma idade, maturidade e experiência de vida diferentes, notando a diferença de impacto que a obra teve em mim nesta segunda leitura. Foi algo muito mais intenso, com uma percepção do sofrimento humano mais afinada, com uma empatia enorme pela Anne e ainda com mais carinho e admiração. A cada leitura que fiz ao fazer este trabalho, encontrei algo de novo e surpreendente. Foi um processo de reconhecimento da maturidade de escrita da autora, tendo em conta a sua idade (13-15 anos), o tentar colocar-me na posição dela e dentro da sua mente para perceber como ela pensava e como viveu nas condições que são descritas no seu testemunho.

Outro passo importante que contribuiu para fomentar uma ligação ainda maior com Anne foi a visita à Anne Frank House em Amesterdão. Foi o completar de um ciclo. Ao aproximar-me do 263 Prinsengracht, reconheci desde logo a Torre de Westwerberk, a tal que tocava os sinos que Anne tanto gostava de ouvir mas que irritavam profundamente os restantes residentes do Anexo. O passar pela estante falsa que dá acesso ao Anexo Secreto, foi um concretizar de algo cuja descrição já tinha lido tantas vezes e visto tantas fotografias, mas nada como viver o momento. Entrei numa escuridão e num ambiente oprimido, um espaço que teve de servir para 8 residentes viverem. Quase que conseguia ver Anne ali a escrever no seu diário próxima da parede com os posters das estrelas de cinema que tanto adorava.

O principal objectivo deste trabalho é percorrer um caminho com destino ao aprofundamento daquilo que sabemos de Anne Frank, pretendendo conhecê-la melhor. Nessa medida, propomo-nos a analisar em que mundo estava ela inserida, quais as suas vivências, como se expressou, como viveu uma adolescência em regime de reclusão e constante ameaça de morte, e a que estratégias recorreu para passar por esta prova tão difícil de viver e entender. Desta forma, para se realizar este tipo de análise compreensiva, foi necessário conhecer quem vivia com Anne Frank, que relação tinha com os outros, que mundo foi o dela. Duas questões surgiram deste primeiro ponto de análise: de que forma Anne viveu a sua adolescência num local fechado, com constante ameaça de morte e sem ser possível um afastamento familiar e procura de um ambiente libertador entre os pares; que

mecanismos Anne usou para o seu mundo interno não se desmoronar? Iremos, por isso, estabelecer a nossa base de análise acerca destes pontos, segundo uma perspectiva dinâmica da adolescência.

Uma componente importante deste trabalho é a ponte entre a expressão emocional através da escrita, que nos faz levantar a questão e ir de encontro ao segundo objectivo deste estudo: terá a escrita, enquanto forma expressiva e criativa, um potencial reparador do mundo interno do indivíduo? Mais ainda, será que esta capacidade reparadora é uma das funções que o diário assume para Anne?

Foram muitos os autores que escreveram sobre o que motiva a criação artística e como esta se processa. Freud ao reflectir sobre este tema, concluiu que a origem de um trabalho artístico reside na vida inconsciente das fantasias, da mesma forma que o conteúdo dos sonhos (Freud, 1954, cit. por Grinberg, 2000). Segundo Delgado (2012), não foi efectuado até hoje nenhum estudo de psicologia relacionada com a criatividade que nos forneça todas as respostas acerca da génese criativa. O autor considera que “são extremamente complexos os processos e as motivações que condicionam as diversas artes criativas” (op. cit. p.27). Iremos pegar nas reflexões deste autor para perceber o que está por detrás do processo criador da escrita.

É importante salientar que este trabalho não pretende debruçar-se sobre o impacto que a obra artística tem naquele que a contempla nem na intenção daquele que cria em despertar algo no outro, pretende, sim, focar-se no criador e no ímpeto do criar numa perspectiva mais pessoal e, mais especificamente, na área da escrita. Perante a literatura encontrada acerca do tema, decidiu-se reunir apenas os aspectos psicológicos singulares do sujeito que escreve, em primeiro plano, para si próprio e não aquele cuja escrita tem como fim a divulgação a um público. Não se inclui também neste trabalho, a perspectiva da criação a partir dos escritores do âmbito ficcional mas que escrevem, sim, acerca de experiências e pensamentos pessoais, de forma a enquadrar-se melhor com o que se pretende analisar, o Diário de Anne Frank.

Começamos por descrever a mudança do mundo que existiu antes da Segunda Guerra Mundial com passagem para um dos maiores movimentos de atrocidade humana que já se pode observar na história da humanidade. A primeira parte intitulada de Anne Frank e o Meio Envoltivo, fornece-nos a base para uma contextualização biográfica e histórica do ambiente em que Anne cresceu e viveu antes de entrar no Anexo até à data da sua morte no campo de concentração Bergen-Belsen em 1945. É, portanto, realizada uma ponte entre os acontecimentos históricos, as crescentes proibições e ataques contra os judeus e a família Frank, respondendo à necessidade de analisar que repercussões a ascensão do poder nazi teve nesta família e mais especificamente em Anne.

Percorrendo o período de 1929 a 1945, podemos observar a ascensão do poder de Hitler, a crescente supressão dos Direitos Humanos, as mortes cada vez em maior número e cada vez mais cruéis e a instalação de uma Grande Guerra Mundial. No final desta primeira parte, é apresentada uma breve biografia dos elementos da família Frank para melhor entendimento do seu percurso e influência em Anne.

Numa segunda parte, é realizado um resumo do Diário de Anne Frank e uma apresentação das diversas versões existentes da obra. De seguida, passamos para as personagens que integram o diário, pessoas não-fictícias mas relatadas pela perspectiva de Anne no diário. Por fim, chegamos a uma revisão de literatura acerca do processo de criar e quais as funções que aparenta ter, onde é realizada também uma análise à importância da escrita para Anne e que papel o diário teve no seu mundo interno. Neste momento tomamos especial enfoque na construção de uma identidade cada vez mais madura e ciente de si própria dentro do Esconderijo, culminando num re-nascer a partir do diário, um re-nascer psíquico cada vez mais próximo da sua morte física.

A terceira parte destina-se a uma revisão de literatura referente ao estado de exclusão social, tendo sempre em conta que se trata de uma situação limite com presença de uma ameaça de morte bem evidente. Realizar-se-á, portanto, uma leitura que engloba as características e vivências de uma vítima de Holocausto, cujo sofrimento tem origem religiosa, social, política e cultural. Quer isto dizer, não por sua culpa, apenas porque se é judeu. De seguida, prosseguimos para os casos que acabaram em regime de clausura como forma de escapar às mãos nazis. Será, pois, analisado em específico a experiência de viver em clandestinidade com um medo, terror e angústia muito característicos e fortes. Por último, iremos reunir os anteriores conceitos para aplicar ao caso de Anne e analisaremos como é que o mundo exterior é visto e pensado pela jovem escritora quando já se encontra no Anexo.

Numa quarta parte do trabalho serão realizadas algumas considerações teóricas sobre a Adolescência e serão reunidas as temáticas que consideramos centrais no Diário, donde se destaca a construção e consolidação da Identidade, a mudança de objecto de amor que ocorre nesta fase, e por fim iremos explorar alguns conceitos teóricos acerca da sexualidade feminina adolescente e relacionaremos com o testemunho de Anne.

O trabalho culmina numa última secção, as considerações conclusivas acerca da revisão de literatura teórica e análise da vida e do diário de Anne Frank, procurando responder às necessidades colocadas inicialmente, as que foram fruto do início deste caminho. Ao longo de todo o trabalho,

serão apresentadas algumas passagens do diário sempre que se mostre conveniente e ilustrativo o tema que se está a tratar.

**PARTE I**  
**ANNE FRANK E O MEIO ENVOLVENTE**

## 1.1 Anne Frank – Biografia

Annelisse Maria Frank, mais conhecida por Anne Frank, filha de Edith Holländer Frank e Otto Frank e irmã de Margot, foi uma adolescente de origem judaica, vítima do Holocausto. Nasceu numa clínica em Frankfurt no dia 12 de Junho de 1929 às 7h30 da manhã e passados 12 dias do seu nascimento, Anne foi para casa em Marbachweg nos subúrbios de Frankfurt. Devido a dificuldades financeiras, em Março de 1931, a família Frank muda-se para Ganghoferstrasse para um apartamento mais pequeno e menos dispendioso que ficava apenas a dez minutos da antiga casa e era ideal para as crianças. Nesta zona, Edith e Otto sentiam-se mais seguros com a vizinhança e com os seus ideais políticos, sendo que no bairro anterior já se começavam a ouvir comentários antissemitas. A meio do ano de 1932, a situação financeira dos Frank tornou-se precária. Edith e Otto decidiram que as filhas deveriam frequentar a Escola Ludwig Richter em Eschersheimer Lindenbaum, uma escola com diferentes classes sociais e religiões e que se baseava em métodos de educação progressivos, que não se identificava com a educação típica e tradicional, fazendo uma ligação muito interessante entre a educação e a natureza, o que agradava muito ao casal Frank (Lee, 1999; Müller, 1998).

Otto Frank recebe uma proposta de emprego em Amesterdão e no dia 5 de Dezembro de 1933, Edith e Margot juntam-se a ele, vindo Anne mais tarde em Fevereiro de 1934. No período de tempo que passou sem os pais e a irmã, Anne esteve ao cuidado da sua avó materna Oma em Aachen. Em 26 de Março de 1935, foi registada na Escola Montessori, uma escola com ênfase na individualidade dos alunos. Foi nesta altura que Anne começou a escrever as primeiras histórias (Schnabel, 2003).

Em 1940 as tropas alemãs invadem a Holanda e as restrições contra os judeus têm início. A Escola Montessori foi fechada devido aos seus ideais liberais e Anne foi obrigada a frequentar o Liceu Judaico cujo estilo de ensino era tradicional. No dia do seu décimo terceiro aniversário, em 1942, Anne recebe um caderno que havia escolhido dias antes numa montra de uma livraria com o pai. Este caderno com capa xadrez veio a tornar-se o seu diário pessoal e foi o primeiro de muitos cadernos que Anne escreveu e no qual se baseou a sua obra póstuma e mundialmente conhecida – o Diário de Anne Frank (Lee, 1999).

No dia 5 de Julho de 1942, uma notificação dirigida a Margot chega a casa dos Frank. Tratava-se de uma convocatória para Margot se apresentar nos Escritórios Centrais para ser posteriormente enviada para um campo de trabalho em Westerbork. Esta notificação antecipou o que o casal Frank já havia planeado para dia 16 de Julho: “mergulharem” (Gies & Gold, 1987).

É, portanto, no dia 6 de Julho de 1942 que Anne vai para o Anexo Secreto que se localizava no edifício onde o pai trabalhava, no 263 Prinsengracht. Este foi o local onde Anne viveu, juntamente com os seus pais, a sua irmã, Fritz Pfeffer e a família van Pels, durante dois anos e um mês. Por motivo de uma denúncia, no dia 4 de Agosto de 1944, por volta das 10h30 da manhã, um grupo de homens com uniformes dos Serviços de Segurança Alemã Sicherheitsdienst (SD) chega ao edifício onde Anne se encontrava escondida. Os oito escondidos e dois trabalhadores do escritório e ajudantes dos Frank, são levados numa carrinha para a sede da Gestapo onde são interrogados. No dia seguinte, Anne e os restantes são transferidos para uma Casa de Detenção superlotada, Huis van Bewaring em Weteringschans (Müller, 1998).

No dia 7 de Agosto de 1944, são levados para Westerbork, um campo de transição e a 3 de Setembro, o grupo é deportado para o que seria o último transporte de Westerbork para o campo de concentração de Auschwitz, uma viagem num ambiente desumano e sobrelotado que durou três dias. Ao chegar a Auschwitz-Birkenau, Edith, Margot e Anne ficam separadas, logo à partida, de Otto. Foi a última vez que Anne viu o pai. À chegada passou por um momento de selecção, com um médico e um guarda SS (Schutzstaffel - organização paramilitar ligada ao partido nazi) a indicarem se ia para o grupo da direita ou da esquerda. As pessoas do grupo da esquerda iriam ser mortos naquele dia ou iam ser usados como cobaias em experiências de medicina. As do grupo da direita iriam ser trabalhadores não-pagos tanto tempo quanto aguentassem - era a chamada “aniquilação pelo trabalho” (Levi, 1958). Todos os 8 residentes do Anexo passaram a primeira selecção. Anne com 15 anos e 3 meses estava entre as raparigas mais novas do grupo seleccionado. Teve, depois, de passar por um processo de “desinfecção”, como era denominado pelos nazis, que envolvia ficarem completamente nuas, darem as roupas que traziam no corpo, tirarem todos os pelos, incluindo raparem o cabelo. Alegadamente seria para prevenir possíveis infestações e doenças mas o propósito real e principal era a humilhação (retirando a identidade de uma pessoa e a diferenciação entre seres humanos) e a utilização dos cabelos para outros fins (op. cit.). Foram dados números a cada prisioneiro e estes números foram tatuados no braço. Dando apoio entre si, Anne, Edith e Margot Frank sobreviveram cerca de 8 semanas em Birkenau. A 28 Out 1944 foi realizada uma evacuação que transportou 1308 mulheres judias num comboio de Birkenau para Bergen-Belsen no norte da Alemanha. Anne e Margot estariam entre elas (Müller, 1998). Este comboio destinava-se a mulheres “doentes mas com capacidade de melhorar”. Edith foi deixada em Auschwitz. A viagem durou cerca de 5 dias e 5 noites desta vez. Em Bergen-Belsen vivam-se condições ainda mais desumanas e caóticas do que em Auschwitz no Inverno de 1944-1945. Enfraquecidos pela fome e pela sede, as



peças morriam lentamente, morriam de forma agonizante e de doenças infecciosas (desintéria, difteria, tuberculose e tifo). Barracas de 60 peças onde estavam 600, cadáveres por todo o lado, excrementos, ratos, etc. Cerca de 17000 peças morreram em Bergen-Belsen em Março de 1945 (Shirer, 1975). A epidemia de tifo assolou também Anne e Margot. A sua força durou apenas até poucas semanas antes das tropas inglesas chegarem ao campo a 15 Abril de 1945. Algures entre o final de Fevereiro e inícios de Março de 1945 Anne acaba por falecer (Hurwitz, 1988; Lee, 1999; Müller, 1998; Van der Rol & Verhoeven, 1993).

## **1.2 Contextualização Histórica**

Não foram apenas quarenta e seis milhões de vidas que foram aniquiladas, mas igualmente a vida e a vitalidade vibrantes que elas tinham recebido como herança e poderiam ter legado aos seus descendentes: uma herança de trabalho e alegria, de luta e criatividade, de saber, de esperanças e felicidade, que ninguém viria a receber ou transmitir. (Gilbert, 2009, p.40)

O diário de Anne Frank está inserido num tempo e espaço da História. Decorre durante a Segunda Guerra Mundial na Alemanha Nazi.

A Segunda Guerra Mundial conta-se entre os conflitos mais devastadores da história da humanidade tendo perecido mais de quarenta e seis milhões de militares e civis. A guerra durou 2174 dias, desde o ataque da Alemanha à Polónia em Setembro de 1939 até a rendição do Japão em Agosto de 1945 (Gilbert, 2009). Começamos por descrever o ambiente político da cidade onde a família Frank residia em 1929 aquando o nascimento de Anne.

### **1.2.1 Frankfurt nos anos 20 – Um retrato da cidade**

Em 1929 Frankfurt tem 540 mil peças. É uma cidade que alia a tradição e a modernidade, tornando-a uma cidade atractiva e moderna, tanto economicamente, como social e culturalmente. O clima intelectual e político vivido é democrático e liberal e a cidade é governada por uma coligação de partidos Cristãos, Sociais Democráticos e Liberais (Hurwitz, 1988).

A Alemanha sofre diversas crises económicas e inflações durante os anos 20, seguidas da humilhação da derrota do país na Primeira Guerra Mundial e pelo Tratado de Versalhes. A Grande Depressão de 1929 provoca uma tensão social e política. O governo democrático de então (a assembleia nacional da chamada República de Weimar) é incapaz de resolver a situação enquanto

trava uma luta contra a ascensão de grupos de extrema-direita como o Partido Nazi de Adolf Hitler (o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães – NSDAP) fundado a 1 de Abril de 1920. De 1929 a 1932, a actividade industrial diminui em 65% em Frankfurt (Shirer, 1975). No final do ano de 1932, mais de 70 mil pessoas estão desempregadas e um quarto da população não tem um trabalho estável.

Em 1929, cerca de 30 mil judeus estão a viver em Frankfurt, perfazendo 5.5% da população da cidade. É a segunda maior comunidade judaica a seguir a Berlim e existe desde a Idade Média. Desde o início do século XIX, os judeus já não eram obrigados a viver num gueto e foram-lhes dados direitos iguais aos da restante população. Muitas organizações Judaicas tiveram um papel importante no desenvolvimento da cidade. No início do século XX, apesar do antisemitismo nunca ter desaparecido totalmente, Frankfurt tornou-se em grande parte uma cidade mais tolerante e liberal (Müller, 1998). Os cidadãos judeus viviam à sua escolha o estilo de vida tradicional ou o da sociedade em vigor.

### **1.2.2 A ascensão do Partido Nazi**

Dos documentos conhecidos e do desenvolvimento dos acontecimentos deduz-se claramente que Hitler sabia muito bem o que pretendia: uma Europa governada pelos nazis, uma Europa cujos recursos seriam explorados a favor da Alemanha em que os habitantes se converteriam em escravos da raça alemã; uma Europa onde “elementos indesejáveis” – os judeus principalmente – seriam exterminados (Shirer, 1975).

A crise económica alemã que se iniciou nos anos 20 mantém-se nos anos 30. Trabalhadores perdem o seu emprego, agricultores perdem as suas terras, os cidadãos perdem as suas poupanças. O Partido Nazi toma vantagem desta situação recrutando cada vez mais seguidores. Hitler começa por culpar o governo em vigor descrevendo como fraco e também os judeus pelos problemas a que se assistem na Alemanha. Os movimentos fascistas pretendem ter poder absoluto e Hitler explora astutamente a necessidade da existência de um bode expiatório, encontrando para isso os Judeus. Um grupo paramilitar é criado, o SA (Sturmabteilung ou Brownshirts como era também conhecido) e tem um papel preponderante na ascensão de Hitler ao poder nos anos 20/30, tornando-se uma alternativa atractiva a muitos homens desempregados e chamando cada vez mais apoiantes ao partido nazi. Paralisado, o Partido Central Liberal observava a rápida ascensão do NSDAP na identidade política da população. A 14 Setembro 1930 mais de 6,4 milhões de pessoas votaram no

partido de Hitler, aumentando os representantes nazis no parlamento alemão de 12 para 107 (Müller, 1998). Em Maio de 1932 quase 6 milhões de pessoas haviam perdido os seus empregos e a sua esperança na democracia.

Os SS e SA que tinham sido banidos temporariamente em Abril, voltaram a actuar em força. Os oponentes republicanos tinham ainda maioria mas a Alemanha tornara-se impossível de governar. Em Julho de 1932 Hitler ganha as eleições, obtendo 37% dos 13.7 milhões de votos. Primeiro, fica a liderar num governo em coligação e é depois nomeado a Chanceler da Alemanha em Janeiro de 1933. A 5 de Março desse mesmo ano, novas eleições têm lugar e o Partido Nazi (NSDAP) obtém 44% dos votos. A 24 de Março, Hitler consegue oficialmente poder absoluto ao ser aprovada uma lei denominada de *Enabling Act* que lhe permitiria passar por cima da Constituição e de qualquer lei existente, iniciando-se assim um regime ditatorial. Nos seus primeiros discursos, Hitler anunciou a sua intenção de reavivar a Alemanha e de a defender do crescimento “cancerígeno” da democracia. Disse também que ia tomar medidas para a “protecção dos alemães” e ficou desde logo suspensa a liberdade de expressão. Entretanto os membros do NSDAP iam fazendo procissões e marchas dia e noite. Os homens das SA eram usados como esquadras de polícia auxiliares e eram vistos agora com muito mais frequência nas ruas (Esteban & Muhlstein, 1975).

Os discursos de Hitler acerca da raça ariana, dos “sub-humanos” (ciganos, homossexuais, pessoas portadores de deficiência e judeus) e sobre o sangue alemão, solo alemão e honra tornaram-se cada vez mais frequentes: “Aqueles que não mudarem a sua forma de pensar e viver serão banidos”; “Serão aplicadas sanções por traições ao país e ao povo alemão” (Müller, 1998). Desta forma, a 14 de Julho todos os outros partidos existentes são considerados ilegais, tomando o seu lugar a doutrina nazi. Cerca de 150 mil oponentes a esta doutrina são enviados para campos de concentração para uma “re-educação”. O poder de Hitler é agora absoluto enquanto Führer, tendo o apoio de Joseph Goebbels e Hermann Goering como ministros do estado, Heinrich Himmler como líder das SS e Reinhard Heydrich responsável pela Gestapo (Força Policial Política Nazi). Inicia-se assim o Terceiro Reich. O líder nazi começa com uma grande popularidade e os sentimentos de descontentamento e incerteza de grande parte da população é transformada numa admiração por este novo movimento político em massa. Ao mesmo tempo, nos restantes países da Europa verifica-se igualmente uma crescente popularidade no fascismo e nos movimentos de direita nacionalista (Esteban & Muhlstein, 1975).

De forma a combater o desemprego, o Serviço de Trabalho do Reich (RAD) põe em marcha projectos de trabalho integrados na indústria bélica. A economia do país é direccionada para um

objectivo centrado numa preparação de guerra e todos deveriam contribuir incluindo jovens e idosos. Durante a participação neste processo, os valores da ideologia nazi foram incutidos em todos os que estavam envolvidos.

A 1 de Abril de 1933, Joseph Goebbels, ministro responsável pela propaganda, começa a intensificar a publicidade anti-judeus com *slogans* anti-semíticos e declara um boicote oficial a lojistas, médicos e advogados judeus: “Cidadãos alemães! Defendam-se! Não comprem nada aos judeus!”. Dez dias depois, todos os trabalhadores com pelo menos um avô ou avó judeu/judia são despedidos. Estas medidas visavam retirar o trabalho e os negócios a todos os judeus. De acordo com a filosofia nazi, apenas havia espaço na nação para os alemães brancos de sangue-puro (“arianos”). Os judeus que tivessem lojas e empresas foram também obrigados a venderem-nas a “arianos” (Müller, 1998).

O Estado Nazi contenta a população apoiante do regime ao promover medidas para os racialmente puros e mental e fisicamente saudáveis: investe nas actividades sociais, no desporto, na arte e cultura, nos cuidados médicos para mães e crianças e exclui, destas medidas, todos grupos sociais considerados minorias, onde estavam incluídos os judeus. Tudo isto para passar a imagem de que a população está mais segura e que obtém mais vantagens ao ser governada pelo regime nazi. Em Setembro de 1935, para protecção do “sangue alemão e da honra alemã” é declarado proibido o casamento entre judeus e não-judeus (Anne Frank House, 2003). Outra das medidas teve lugar em 1937 quando a Gestapo inicia o transporte de cidadãos negros, indivíduos com doença mental, com alguma deficiência física, com epilepsia, surdez ou cegueira para esterilização em hospitais universitários. Em Outubro de 1939, Hitler põe em marcha o plano da eutanásia e decide assassinar dezenas de milhares de pessoas com injeção letal ou gás (todos aqueles que não fossem mental e fisicamente saudáveis) uma vez mais com a preocupação de salvaguardar a pureza do sangue germânico (Gilbert, 2009).

Em 1933 é criado o Movimento da Juventude Hitleriana de forma a incutir a doutrina nazi desde cedo aos jovens “arianos”. O sistema educativo também é colocado sobre o poder nazi e a 7 de Abril de 1933 todos os professores “não-arianos” são despedidos e os livros são substituídos por edições nazis. Através dos livros escolares, são apresentadas imagens às crianças de como se parecem as pessoas de sangue igual ao seu (imagens com mães e crianças loiras, brancas e imaculadas) e como são as pessoas e crianças que pertencem a uma “raça alienígena” (ciganos, judeus, africanos) (Schnabel, 2003).

### 1.2.3 Judeus na Alemanha

Em 1933 cerca de meio milhão de judeus viviam na Alemanha, sendo 0.77% da população total. O seu isolamento progressivo começa assim que os nazis tomam o poder. Contra todas as probabilidades, tentam manter a sua vida o mais normal possível mas alguns começam a sair do país por recear algo pior que estaria para vir. A 15 de Setembro de 1935, a Lei dos Cidadãos do Reich declarou os judeus alemães como estranhos no seu próprio país. Eles já nem eram considerados cidadãos de 2ª classe, mas sim cidadãos de última classe denominados de “Untermenschen” que significa seres inferiores ou sub-humanos (Shirer, 1975). No mesmo dia saíram leis que visavam “proteger o sangue alemão de todo o sangue não-puro, no interesse de preservar a pureza da nação Alemã. Definiram até à exaustão as categorias de raça ariana, judia, metade-judeus, um quarto-judeus, casados com judeus e pureza racial. Esta medida foi usada para discriminar os judeus, para persegui-los e para os castigarem legal e oficialmente segundo a lei. Qualquer documento oficial deveria ter a indicação de Ariano, Judeu ou Relação com Judeu. Os casamentos entre judeus e não-judeus eram considerados “corrupção racial” e eram proibidos e sancionados por lei. Nas mais variadas profissões, os judeus só podiam ter clientes e funcionários judeus; se um judeu tivesse uma bandeira da Alemanha erguida em casa ou no seu estabelecimento, este seria preso. Os Arianos foram convencidos de que o contacto com “judeus parasitas” era prejudicial para os “verdadeiros alemães” (Müller, 1998). A agressividade nazi não era apenas dirigida aos judeus mas também a todos os oponentes políticos que eram igualmente considerados inimigos do Reich, assim como, todos os que se recusassem a usar o cumprimento “Heil Hitler!” no seu dia-a-dia (Hurwitz, 1988).

Em Setembro de 1938 os judeus não teriam mais lugar na economia alemã. As políticas antissemitas intensificaram-se ainda mais, cada vez mais negócios judeus eram apropriados por arianos. Os dias de 9 a 11 de Novembro de 1938 são recordados como o primeiro grande ataque de violência aos judeus. O chamado *pogrom* foi um ataque maciço a lojas de judeus, sinagogas (cerca de 400 só na primeira noite) e humilhação pública dos judeus que passavam na rua quando se cruzavam com membros das SA. Os alemães (os que não concordavam com o que foi feito) ao verem na manhã seguinte esta destruição, nada podiam fazer nem dizer apesar de ficarem horrorizados, pois podiam também eles ser punidos. A 12 de Novembro começaram as detenções em massa dos judeus, onde cerca de 30 mil foram enviados para campos de concentração.

Estes primeiros confrontos físicos contra os judeus serviram para os humilhar, isolar, para mostrar o quão impotentes se tornaram. Alguns foram colocados num dos primeiros campos a

serem criados (Sachsenhausen) que inicialmente se destinava a inimigos políticos e só depois passou a receber exclusivamente judeus. Individualmente ou em grupos, centenas de judeus foram humilhados ou torturados até à morte.

A 30 de Janeiro de 1939, sexto aniversário da sua ascensão ao poder, Hitler mais uma vez discursou no sentido de incutir o medo dos judeus na população alemã, tendo dito: “tenho provado muitas vezes que tenho sido um profeta e na maior parte das vezes as pessoas têm-se rido de mim... Mas hoje vou ser um profeta uma vez mais. Se uma Guerra Mundial se abater novamente sobre todos nós, a culpa é dos judeus. O resultado final será a destruição dos judeus na Europa” (Müller, 1998).

#### **1.2.4 Ocupação alemã na Holanda**

Diversos países notavam que os casos de judeus a pedir asilo aumentavam cada vez mais e começaram a dificultar a sua entrada nos países a que recorriam. A Holanda, por exemplo, apenas já só permitia que ficassem temporariamente enquanto refugiados, com vista a irem depois para outro país. Para este efeito, os refugiados ficavam num campo de internato que os abrigaria. Em Janeiro de 1944 as autoridades de imigração holandesa registaram 4200 refugiados judeus vindos da Alemanha e o número continuava a aumentar. Em 1940, a população judaica na Holanda é de 140 mil pessoas, cujos 24 mil são refugiados. Com 90 mil judeus, Amesterdão tem a maior população judaica do país (Van der Rol & Verhoeven, 1993).

A ofensiva alemã na Polónia teve início a 1 de Setembro de 1939 com um ataque-relâmpago. Sem qualquer aviso prévio, os bombardeiros começam uma série de ataques aéreos que destrói grande parte da força aérea do país e que compromete as comunicações rodoviárias e ferroviárias. Por terra os estragos também tiveram lugar com infantaria motorizada, tanques e autometralhadoras. Para além de recuperar os territórios perdidos em 1918, Hitler pretendia com o ataque à Polónia sujeitar o país à submissão nazi. Desta forma, foi ordenado que três regimentos SS avançassem para imponham as chamadas “medidas de polícia e segurança” sob a máxima de “encarcerar e aniquilar” todos os inimigos do nazismo de forma a proteger o Estado hitleriano (Gilbert, 2009).

A Inglaterra e a França comunicaram que viriam em auxílio da Polónia se as tropas alemãs não se retirassem. Hitler não cedeu aos ultimatos e a Segunda Guerra Mundial teve oficialmente início. Os esforços de Inglaterra e França de nada serviram para deter a violência de Hitler e este não perdeu tempo. Logo no seu primeiro ataque, ele colocou a Polónia (e cerca de 2 milhões de judeus) sob seu

controlo. A 3 de Setembro, a Grã-Bretanha e a França declaram guerra à Alemanha. Nestes primeiros dias de guerra já se tornava evidente que o massacre dos judeus ia ser parte integrante do objectivo alemão. Tal como Hitler discursara sete meses antes do início da guerra caso esta chegasse: “o resultado não seria a bolchevização da terra, com a consequente vitória da judiaria, mas sim o aniquilamento da raça judaica na Europa!” (Gilbert, 2009).

A Força Especial SS na Polónia continuou com o extermínio de judeus em cada vez mais cidades e vilas, à medida que estas eram apoderadas pelas mãos alemãs. No dia 21 de Setembro de 1939 o cabecilha dos SD, serviço de segurança, Reinhard Heydrich, deu ordens para as “forças de acção” darem início a diversos *progoms* para “consolidar” os judeus polacos. Regulamentos discriminatórios seguiram-se a esta onda de terror. Na Holanda, as pessoas estavam horrorizadas com estes desenvolvimentos. Muitos agarraram-se à palavra “neutralidade” convencendo-se que como a Holanda se havia mantido neutra na Primeira Guerra Mundial, agora iria acontecer o mesmo (Müller, 1998).

A 10 de Maio de 1940 as tropas alemãs invadem a Holanda. A Alemanha não declarou guerra à Holanda mas Hitler invadiu-a com a justificação de que as suas tropas vieram proteger este estado neutro do perigo que os aliados poderiam exercer. A verdade é que Hitler precisava de aeroportos perto do Mar do Norte. No dia 14 de Maio de 1940 a Holanda anunciou a sua rendição. Os holandeses combateram arduamente durante 3 dias contra forças superiores a eles em quantidade e qualidade bélica e cederam ao ultimato da Alemanha de que ou se rendiam ou Roterdão iria ser bombardeada. Mesmo já a Holanda tendo declarado rendição, Hitler decidiu bombardear na mesma a cidade que detinha o porto marítimo mais importante da Holanda e matou 800 civis. A Holanda era agora um país ocupado pela Alemanha. As pessoas assistiam com medo a colunas de soldados alemães com os seus uniformes a marcharem pelas ruas e a cantarem as suas canções militares. Não se verificaram *progoms* como os que haviam tido lugar na Polónia mas os alemães faziam com que a sua presença fosse notada marcando presença assídua nas ruas. O comissário do Reich que foi nomeado para a Holanda, chegou a dizer “Nós alemães não viemos com o intuito de aplicar o nosso sistema político aqui nem para subjugar este país e as suas pessoas”. Os seus discursos pareciam não tocar no “assunto dos judeus”. Mas essa omissão fazia claro, parte da estratégia de Hitler (Müller, 1998).

De semana para semana o governo alemão surgia com novas regras e leis para, segundo Hitler, proteger a população holandesa de notícias falsas. As forças de ocupação declararam, assim, a 4 de Julho de 1940 que a população só estava autorizada a ouvir estações de rádio localizadas no território

holandês ocupado ou por estações alemãs: “Se alguém ouvir outras estações que não estas, terá de pagar uma coima pesada ou em casos mais graves dá direito a dez anos de prisão”. Esta proibição estava a referir-se à BBC e à Rádio Orange da família real holandesa já em exílio em Londres. (Schnabel, 2003)

É no dia 16 de Julho de 1940 que os nazis dirigem a sua primeira lei contra os judeus na Holanda afirmando que teriam de se tornar vegetarianos. Em Agosto de 1940 é declarada lei que todos os judeus que haviam imigrado para a Holanda depois de 1 de Janeiro de 1933 teriam de se registar no Escritório de Residentes Estrangeiros. Muitas pessoas convenceram-se que era apenas um registo rotineiro sem qualquer consequência. Contudo, a partir desse registo o governo alemão poderia saber que aquela família específica era judaica e podia encontrá-los com facilidade (Müller, 1998).

Os alemães haviam começado, então, a tratar da “questão dos judeus” como os nazis lhe chamavam. A acção anti-judeus que se seguiu foi referente aos negócios e comércio como havia acontecido na Alemanha. A 8 de Janeiro de 1941 os judeus ficaram proibidos de irem ao cinema (van der Rol & Verhoeven, 1993). A 10 de Janeiro de 1941, tal como os imigrantes judeus tiveram de fazer, agora todos os judeus holandeses teriam de se registar oficial. Mesmo assim, a maior parte não viu esta acção como uma ameaça. A ocupação alemã registou 160.820 pessoas: 140552 judeus, 14549 metade-judeus, 5719 um quarto de judeus (Müller, 1998).

Em meados de Fevereiro de 1941 começa-se a comentar na rua histórias que envolvem ataques físicos a judeus e que resultam em mortes. A ideia de que os judeus poderiam estar a salvo na Holanda estava agora a ser deitada a baixo. Estes ataques contra judeus deram início a uma série de actos de brutalidade e violência sob a desculpa de que os judeus estavam a agir com impertinência contra a polícia alemã e nazis holandeses. Muitos judeus começaram a ser executados e presos. O partido comunista tentou organizar uma revolta e muitos cidadãos holandeses colaboraram mas eles subestimaram o poder dos nazis. De 398 judeus presos numa das greves, só um regressou vivo. No último dia do mês de Maio de 1941 (mesmo quando o Verão estava prestes a começar para causar ainda mais impacto) proibem os judeus de frequentar as piscinas, parques, hotéis e praias. Em Setembro do mesmo ano esperaram que as crianças voltassem às suas escolas para um novo ano lectivo e passados apenas uns dias é que decretaram que as crianças judias tinham de mudar de escola (para escolas apenas dirigidas a judeus). É de realçar que, mais uma vez, para que esta proibição tivesse ainda mais impacto não a anunciaram antes do ano começar mas sim quando as crianças já tinham começado as aulas com os colegas de sempre, na sua escola de sempre. Agora os judeus também não podiam frequentar locais ou comércio para o público em geral. Cartazes com a frase



“Proibida a entrada a judeus” foram colocados em bibliotecas, museus, restaurantes, cafés, parques, lojas, entre outros estabelecimentos destinados à vida social e cultural (Müller, 1998).

Apesar de verem a discriminação judaica a tomar poder com cada vez mais regulamentos humilhantes, a comunidade judaica tentava sempre superar estas mudanças. Como estavam proibidos de frequentar eventos culturais abertos ao público, criaram os seus próprios eventos culturais (concertos privados, teatros para as crianças onde elas pudessem participar, educação de literatura alemã para a sua língua natal não ser esquecida, sessões privadas de cinema, entre outras actividades).

No dia 29 de Abril de 1942 passou a ser obrigatória a identificação de judeus com estrelas amarelas com a palavra Jood impressa no vestuário. A instrução dada foi a seguinte: “A estrela deve ser colocada de forma bem visível no lado esquerdo do peito. Sempre que aparecerem em público, os judeus têm de estar identificados com esta estrela ou serão severamente sancionados” (Kllermann, 1999). Outras novas proibições foram postas em vigor: os judeus estavam proibidos de praticarem qualquer tipo de desporto, andarem de bicicleta, de usarem transportes públicos e passariam a ter um recolher obrigatório: “Os judeus não podem sair de casa das 8 da noite às 6 da manhã e não podem visitar não-judeus.” (Van der Rol & Verhoeven, 1993).

A 26 de Junho de 1942 decorreu uma reunião entre um SS e o Consulado Judaico a informar que todos os judeus entre os 16 e os 40 anos iriam ser enviados em contingentes supervisionados pela polícia para campos de trabalho na Alemanha. Todos os que recebessem uma notificação em casa, teriam de se apresentar. Cerca de 350 judeus, por dia, eram chamados para prestar “serviço laboral” na Alemanha, termo utilizado pelos nazis nas notificações (Müller, 1998).

Os campos de concentração foram criados como solução final para os indesejados. Em 1933 surgiu Buchenwald, no ano seguinte organizou-se o campo de Dachau e no início da guerra já existiam seis campos no território do Reich com vinte mil prisioneiros judeus. De 1939 a 1942 criaram-se mais nove campos entre os quais Auschwitz (Gilbert, 2009). A partir de 1942 os campos de concentração multiplicaram-se em função das “necessidades” crescentes do domínio nazi, chegando a haver novecentos campos, embora sempre dependentes dos quinze grandes campos principais (Esteban & Muhlstein, 1975).

## 1.3 Família Frank

### 1.3.1 Otto: Pai de Anne

Membros da família Frank viveram em Frankfurt am Main desde o século XVII. Otto nasceu a 12 de Maio de 1889 na cidade de Westend no seio de uma família judaica liberal. Otto teve um irmão mais velho chamado Robert e dois mais novos, Gerbert e Helene. Nunca foi habituado a praticar os rituais e orações hebraicas e nunca chegou a fazer o bar mitzvah. Depois do secundário, estudou Economia por pouco tempo na Universidade de Heidelberg. Com conhecimento de um amigo, é-lhe oferecido um trabalho, que acaba por frequentar de 1908 a 1909, na cadeia de lojas Macy's em Nova Iorque. Depois da morte do pai, bancário, Otto volta para a Alemanha e começa a trabalhar numa empresa de engenharia metalúrgica em Düsseldorf até 1914. Durante a Primeira Guerra Mundial, Otto serve no exército alemão onde alcança a patente de Tenente. Depois da guerra, começa a trabalhar no banco herdado do pai numa fase de dificuldade económica do país. É durante este período que Otto conhece a sua futura mulher, Edith Holländer (Anne Frank House, 2003)

No verão de 1933, com o objectivo de sair da Alemanha pela crescente perseguição aos judeus Otto decide ir para Amesterdão à procura de novas oportunidades de trabalho, convencido de que a Holanda iria manter-se um país neutro tal como aconteceu na Primeira Guerra Mundial e com o conhecimento de que o povo holandês era um povo liberal e tolerante que não se enquadraria em futuros confrontos políticos (Anne Frank House, 2012). Otto consegue em Setembro tornar-se director da empresa Opekta, um negócio de produção e venda de produtos provenientes da fruta. Otto estava a passar por uma grande pressão nesta fase inicial de adaptação às novas responsabilidades. Foi um período de grandes preocupações, exaustão física e psicológica ao tentar estabelecer o seu próprio negócio, para encontrar um bom apartamento para a sua família, fazer novos amigos e ter de se adaptar a todas estas mudanças. De acordo com o registo municipal, os Frank foram para a nova casa em Amesterdão a 5 de Dezembro de 1933 (Lee, 1999).

Otto era conhecido por ter qualidades de conselheiro, um grande amigo e um *entertainer*, não só para as filhas mas para os seus amigos também. Os amigos de Anne invejavam-na por ter um pai assim. Hanneli, amiga de Anne, reparava que Otto nunca perdia a paciência com a filha. (Müller, 1998). Otto era o familiar mais significativo para Anne, objecto de admiração e seu confidente até sensivelmente aos 14 anos. Tinha o papel de “salvador” para a filha, antes e durante o Anexo, que o tratava carinhosamente por Pim. Em algumas passagens do diário é possível observar este carinho e

admiração: “O papá é o único que me compreende (...)” (Frank, 2011, p.47); “Se o papá não fosse tão paciente, há muito que teria perdido a esperança de alguma vez vir a corresponder às expectativas dos meus pais” (op. cit., p. 64); “Consigo imaginar a mamã a morrer um dia, mas a morte do papá parece inconcebível (...)” (op. cit., p.74). Otto é também alvo de ciúmes por parte de Anne quando nota que há uma aproximação da irmã Margot ao pai: “sinto uma dor torturante cá dentro, porque sou louca por ele” (op. cit., p. 33).

Em 1938 Otto continua com a Opekta e uma pequena firma produtora e fornecedora de produtos alimentares especializada em especiarias usadas na preparação dos mais variados molhos (Handelsmaatschappig Pectacon N. V.) e em Dezembro de 1940 as duas empresas ficam sediadas no Prinsengracht 263, edifício onde foi estabelecido o Anexo Secreto dos Frank em 1942. Na sua autobiografia, Miep Gies, funcionária de ambas as empresas, descreve Otto como “o mais calmo, o professor das crianças, o mais metódico, aquele que conseguia equilibrar qualquer situação. Ele era o líder do grupo, aquele que tomava todas as decisões. Quando uma decisão precisava de ser tomada, todos os olhos caíam no Sr. Frank” (Gies & Gold, 1987).

Após a descoberta do Esconderijo, Otto é enviado com os outros residentes da casa para Westerbork e de seguida para Aushwitz ficando separado das filhas e da mulher na primeira selecção. A 27 de Janeiro de 1945, Otto, que já se encontrava desde Novembro do ano anterior imóvel no limite das suas forças, é libertado do campo de concentração. Ao regressar à Holanda percebe que é o único sobrevivente e dedica-se a 100% ao legado da sua filha Anne, publicando a primeira edição do seu diário a 25 de Junho de 1947. Em 1960 inaugura a Casa de Anne Frank e morre a 19 de Agosto de 1980 na Suíça (Anne Frank House, 2012).

### **1.3.2 Edith: Mãe de Anne**

Edith Holländer, mãe de Anne Frank, nasceu em Aachen (Alemanha) a 16 de Janeiro de 1900. Teve dois irmãos, Julius e Walter e uma irmã, Betti, todos mais velhos que ela. A família Holländer praticava a religião judaica fervorosamente, celebrava todas as festas e feriados judaicos e estava inserida na Comunidade Judaica de Aachen. Em 1916, Edith completa os seus exames finais de ensino secundário numa escola privada para raparigas. No dia 5 de Abril de 1925, Otto e Edith anunciam o noivado e um mês depois o casamento tem lugar numa sinagoga a pedido da família Holländer. A seguir ao casamento, Edith muda-se para Frankfurt am Main com Otto. Margot, a sua

primeira filha, nasce a 16 de Fevereiro de 1926 e Anne nasce três anos depois a 12 de Junho de 1929 (Lee, 1999).

Edith é geralmente descrita como calma, observadora e com dificuldade em expressar os seus sentimentos. Era uma mãe atenta às questões práticas do dia-a-dia das filhas e com um instinto protector muito grande. Anne considerava a mãe uma pessoa fria e pouco afectiva e submissa o que entrava em conflito com a sua própria personalidade: “A personalidade da mamã é tão estranha para mim!” (Frank, 2011, p.63).

Em Novembro de 1933 Edith muda-se para a Holanda, nunca se tendo habituado à língua durante o período que viveu no país. Em 1939, Rosa Stern, mãe de Edith, muda-se para Amesterdão para viver com Edith, Otto e as netas, falecendo de cancro a 29 de Janeiro de 1942. A 6 de Julho do mesmo ano, Edith passa a viver no Anexo Secreto, permanecendo lá até ao dia 4 de Agosto de 1944, dia em que o Esconderijo é descoberto (Anne Frank House, 2003). Durante o período de clausura, Edith apresenta sintomas de depressão. Miep, uma das ajudantes da família Frank, descreve uma conversa que teve com ela: “O que ela precisava de desabafar, que não podia desabafar com os outros, era que estava a sofrer de um grande desespero e angústia. Enquanto os outros no Anexo contavam os dias que faltariam para os Aliados chegarem e falavam do que iriam fazer quando a guerra terminasse, a Sr<sup>a</sup>. Frank confessou que tinha vergonha de dizer que achava que esse dia nunca iria chegar.” (Anne Frank House, 2012)

No dia 4 de Agosto de 1944, o Anexo Secreto é descoberto, todos os moradores são enviados para Westerbork para depois irem para Auschwitz-Birkenau a 3 de Setembro de 1944. Edith morre em Birkenau a 6 de Janeiro de 1945.

### **1.3.3 Margot: Irmã de Anne**

Margot Betti, nasce a 16 de Fevereiro de 1926. Margot era três anos mais velha que Anne. Conhecida como uma pessoa calma, muito reservada, educada e aluna exemplar, Margot sempre agradou aos adultos e apresentava uma personalidade completamente distinta da de Anne que era conversadora e rebelde. Este factor fazia com que as duas irmãs entrassem em conflito. Miep Gies fala sobre Margot dizendo: “Não tinha qualquer tipo de relação com ela. Ela apenas ali estava.”. Anne confirma esta imagem no diário: “ela come como um ratinho, não fala uma única palavra” (Gies & Gold, 1987). Refere ainda o quanto sofria com as constantes comparações com a irmã, apontada pelos outros como um modelo a seguir: “Margot é a perfeição em pessoa!” (Frank, 2011,

p.64), “Porque é que não segues a tua irmã?” (op. cit., p.116). Durante o período no Anexo Secreto, Margot e Anne distanciaram-se e chegam a ter algumas discussões, existindo, contudo, fases em que se relacionavam melhor e se permitiam falar de projectos futuros. Quando a guerra terminasse, Margot tinha a aspiração de emigrar para a Palestina para se tornar uma enfermeira na área da Neonatologia (Anne Frank House, 2012).

Educada e tímida, era considerada por vezes “demasiado séria”, uma criança exemplar, o orgulho de toda a família. Mesmo a brincar Margot era muito bem comportada. Na Primavera de 1932, Margot iniciou a escola deixando Anne invejosa. Os Frank decidiram que as filhas iriam frequentar a Escola Ludwig Richter em Eschersheimer Lindenbaum, uma escola com diferentes classes sociais e diferentes religiões. Esta escola baseava-se em métodos de educação progressivos o que agradava muito a Otto e Edith. Era uma escola que não se identificava com os métodos tradicionais, onde as crianças não ficavam a ouvir apenas os professores mas eram também muito participativas nas aulas (Müller, 1998).

Em 1933 com 7 anos, Margot muda-se para Amesterdão com os pais e a irmã e no processo de decisão de escola para a filha, Edith e Otto consideraram que Margot deveria seguir uma educação mais tradicional, já que era uma criança que lidava bem com regras e obrigações. Pensavam provavelmente que Margot, tão obediente, trabalhadora e calma ia sentir-se negligenciada no ambiente livre da Escola Montessori, escola de Anne. Em 1941, como consequência de um novo decreto, Margot teve de passar a frequentar o Liceu Judaico. A 5 de Julho de 1942 chegou a casa uma notificação para Margot se apresentar nos Escritórios Centrais com a informação de que iria ser enviada para serviço laboral em Westerbork. Edith disse a Margot que tinha sido o pai a ser convocado para se apresentar e não ela, de forma a protegê-la dessa informação. No dia seguinte muda-se para o Anexo Secreto com a restante família (Müller, 1998). Durante este período, Margot continua com a sua disciplina escolar assídua e tenta sempre aprender sobre novos assuntos, mantendo diversos cursos por correspondência que vinham endereçados em nome de uma das ajudantes do Anexo, Bep. O percurso de Margot após a descoberta do Esconderijo é igual ao de Anne, tendo vindo a falecer poucos dias antes da irmã.

**PARTE II**  
**O DIÁRIO**

## 2. Acerca da Obra

O Diário de Anne Frank é uma obra pessoal escrita durante a Segunda Guerra Mundial, passada em Amsterdão, tendo início a 12 de Junho de 1942 (dia em que Anne completa 13 anos de idade) e a última entrada data de 1 de Agosto de 1944. O Diário foi a prenda mais desejada neste dia de anos. Antes de o receber, Anne já escrevia muito em folhas soltas mas a partir daquele momento passou a ter um caderno onde reunia os seus textos e histórias. Durante o período mais difícil da sua vida, Anne confiou a este diário os seus pensamentos, sentimentos, ideais, gostos, rotinas no Anexo Secreto e filosofias de vida. Depois de ler um dos seus livros preferidos que é escrito em forma de cartas, Cissy van Marxveldt de 'Joop ter Heul', Anne adopta a ideia de endereçar as suas entradas do diário a Kitty, uma amiga imaginária. O primeiro diário rapidamente ficou completo e Anne continuou a escrever noutros cadernos e folhas, existindo na verdade vários diários de Anne Frank com continuação entre si (Lee, 1999).

No dia 4 de Agosto de 1944, dia em que as oito pessoas escondidas no Anexo Secreto foram presas, Miep Gies e Bep Voskuijl encontraram os diários de Anne espalhados pelo chão, após a captura. Miep colocou-os numa gaveta de uma secretária para os guardar em segurança. Depois da guerra, quando se tornou claro que Anne tinha falecido, deu os diários, sem os ler, ao pai de Anne. Em 1947, Otto decide publicar o diário (com algumas alterações) e começa a tentar encontrar quem estivesse interessado em fazê-lo. Um manuscrito do diário de Anne é enviado pelo pai de Anne a um historiador holandês Jan Romein e à sua esposa Annie Romein-Verschoor, também historiadora. Annie tenta encontrar uma editora, mas sem sucesso. Isto leva Jan Romein a escrever um pequeno artigo sobre o diário, denominado de “Voz de Criança”, que é publicado no dia 3 de Abril de 1946, na primeira página do jornal holandês Het Parool, antigo jornal da Resistência. O artigo fez sucesso e suscitou interesse em alguns editores. *Het Achterhuis* - “O Anexo Secreto – Cartas diárias de 14 de Junho de 1942 até 1 de Agosto de 1944” - tem a sua primeira publicação a 25 de Junho de 1947 (Anne Frank House, 2003). O diário sofreu alterações a partir da sua versão original escrita por Anne. Esta primeira publicação é considerada a versão c do diário de Anne. De forma a elucidar acerca das diferentes versões do diário, segue-se uma explicação das cinco versões do Diário de Anne Frank: (1) Primeira Versão (versão A) – Versão original do Diário de Anne Frank; (2) Segunda Versão (versão B) – Diário com algumas modificações realizadas por Anne depois de ouvir um membro do governo holandês no exílio, Gerrit Bolkestein, numa emissão de rádio, a anunciar que depois da guerra seriam reunidos os diários, cartas e testemunhos pessoais do sofrimento do povo

holandês sob ocupação alemã. Anne com a preocupação de que o seu diário um dia podia ser lido por outras pessoas e na esperança de poder editar o diário, começou a alterar algumas passagens, melhorando o seu texto (tendo Anne nesta altura já os seus 15 anos). Enquanto omitia passagens menos interessantes e completava com outras de memória nesta nova versão, Anne sempre manteve, ao mesmo tempo, o diário original (versão A); (3) Terceira Versão (versão C) – “O Anexo Secreto” (1947) foi a versão editada pelo pai de Anne, Otto Frank, que após longa deliberação decidiu realizar o desejo da filha e publicar o seu diário. Esta é uma versão mais curta que reúne partes da versão A e da versão B, omitindo partes que Otto não quis que fossem publicadas, nomeadamente acerca da sexualidade de Anne, da relação com a mãe e sobre opiniões menos lisonjeiras que Anne escreveu sobre as pessoas que viviam com ela no Anexo Secreto; (4) Quarta versão - “O Diário de Anne Frank: a Edição Crítica” (1986) contém, não apenas as versões A, B e C, mas também artigos sobre os antecedentes da família Frank, as circunstâncias à volta da sua prisão e deportação e o exame da caligrafia de Anne (o documento e os materiais usados). Esta versão surgiu como resultado de uma polémica acerca da autenticidade do diário e, desta forma, o Instituto de Documentação de Guerra pediu uma investigação minuciosa. Assim que se provou, sem sombra de dúvida, que o diário era genuíno, foi publicado na sua totalidade, juntamente com os resultados de um estudo exaustivo; (5) Finalmente em 2001 foi editada uma quinta versão - “Diário de Anne Frank – Versão Definitiva” que reúne mais 30% de material que a versão mais popular (versão B) e que faz uma junção da versão A e da B, sendo maioritariamente da B. Esta versão foi publicada pela Fundação Anne Frank, herdeira legal de Otto Frank e dos direitos de autor da sua filha, que decidiu então publicar uma versão nova e alargada do diário para os leitores em geral (Frank, 2011; Schanabel, 2003; Anne Frank House, 2003; Hurwitz, 1988). Foi nesta última versão, disponível ao público em geral, que este trabalho se baseou.

## **2.1 Personagens do diário**

Anne decide manter no diário os nomes reais da sua família mas utiliza outros nomes para os restantes residentes do Anexo: Fritz Pfeffer no diário é Albert Dussel, A Família van Pels é nomeada por Anne como família van Daan e, por sua vez: Hermann van Pels no diário é Hermann van Daan, Auguste van Pels é Petronella van Daan e Peter van Pels é Peter van Daan.

Fritz Pfeffer é o homem com quem Anne teve de partilhar o seu quarto. Um dentista com pouca paciência para adolescentes, entra muitas vezes em conflito com a sua companhia de quarto. O casal



van Pels costumava ser o centro das discussões existentes no Anexo, Anne condenava a forma como comunicavam entre si, sempre muito barulhenta e dramática. Já o filho, Peter era um rapaz calmo, tímido e reservado e acabou por tornar-se alvo de grande paixão por Anne.

Os ajudantes do Anexo, também referidos no diário, assumem-se como elementos de grande importância para a sobrevivência dos residentes do esconderijo. Nem por um momento hesitaram em ajudá-los, são eles: Miep Gies, funcionária da firma de Otto, casada com Jan, era a que diariamente arranjava, no mercado negro, provisões de comida e tudo o que era preciso no Anexo; Bep Voskuijl, Jo Kleiman e Victor Kugler, sendo estes dois últimos assistentes e posteriormente sócios de Otto (Anne Frank House, 2012).

## **2.2 Processo criativo**

O Homem é dotado de um dom singular: é um ser capaz de estabelecer relações entre os múltiplos eventos que ocorrem ao seu redor e dentro de si. Ao relacionar-se com esses acontecimentos, ele molda a sua experiência de viver e dá-lhes um significado a partir do agir, do imaginar, do sonhar. Nesse sentido, Ostrower (1977) considera que em cada acto nosso, ao exercê-lo, no compreendê-lo e no compreender-nos dentro dele, “transparece a projecção da nossa ordem interior” (op. cit., p.2). Traduz-se, por isso, num meio específico de interpretar os fenómenos (internos e externos), sempre em busca de significados. Nesta procura reside a profunda motivação humana de criar. O potencial e os processos criativos não se restringem, contudo, à arte da pintura, da música ou escultura. A escrita é também um processo criativo e uma forma de expressão emocional a partir da criação, tema que exploraremos no final deste capítulo.

Para Grinberg (2000), a criação é um recriar de um objecto amado, sendo então a recriação de um mundo interno. É um potencial inerente ao Homem e a realização desse potencial uma das suas necessidades. Trata-se de um agir integrado no viver humano (Ostrower, 1977). Criar é formar, dar forma a algo novo, é transformar. Ostrower afirma que “impelido como ser consciente que é, a compreender a vida, o Homem é impelido a formar” (op. cit., p.2). Já Freud afirmava que a criação está intimamente ligada aos sonhos e que resulta na “elaboração consciente dos resíduos das experiências quotidianas, especialmente as que são reprimidas no inconsciente” (Delgado, 2012, p. 47).

No acto de criar estão relacionadas três dimensões intimamente ligadas entre si: o ser sensível-consciente-cultural. Ostrower defende que os processos de criação articulam-se principalmente através da sensibilidade – a porta de entrada das sensações – que representa uma abertura constante ao mundo e que nos liga de imediato ao acontecer em torno de nós. Grande parte da sensibilidade permanece vinculada ao inconsciente, enquanto que outra chega-nos ao conhecimento de uma forma articulada, denominada de percepção – elaboração mental das sensações. Desenvolvendo esta temática, a autora diz-nos que a percepção delimita o que somos capazes de sentir e compreender, “articula o mundo que nos atinge, o mundo que chegamos a conhecer e dentro do qual nos conhecemos (...) articula o nosso ser do não-ser” (Ostrower, 1977, p. 4). Fayer Ostrower refere também que sendo o Homem um ser inserido numa cultura, tem tendência a criar valores e ideologias segundo a sociedade em que está inserido. Relaciona-se com o outro enquanto ser social, mais do que um ser intelectual. O modo de sentir e de pensar os fenómenos, o próprio modo de pensar-se e sentir-se, de viver as suas aspirações, tudo isto faz do sujeito um ser consciente, dotado de “um órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas” (Freud, cit. por Bion, 1962). Pode, desta forma, dizer-se que, a sensibilidade do indivíduo está inserida numa cultura e, por sua vez, orienta o fazer e o imaginar individual.

O acto de criar passa, geralmente, por todas as experiências da consciência, desde os elementos sensoriais até à intelecção e à abstracção (Malraux, 1947).

O que leva então, o sujeito a criar algo? Com o fim de desdobrar esta questão, Delgado (2012) considera que existem três mecanismos que se mobilizam na actividade de criar: a sublimação, idealização e transformação. Pegando na definição de Laplanche e Pontalis a sublimação trata-se de um processo com origem numa pulsão sexual sem estar aparentemente relacionada com a sexualidade, ou seja, “diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que ela é derivada para um novo alvo não sexual e na medida em que visa objectos socialmente valorizados” (1967/1970, pp. 637-638), como é o caso da actividade artística. Partindo do pressuposto que a obra criativa constitui para o autor uma via que possibilita a “superação dos conflitos internos e dos traumas ligados ao seu desenvolvimento”, todo este processo passa-se, pois, no campo do simbolismo através da sublimação e simbolização (Delgado, 2012, p.29).

O segundo mecanismo, a idealização, tem que ver com o sentimento de falta e incompletude, sendo que a criação surge como uma forma de reparação de uma ferida narcísica na génese da vida interior. Nesse sentido, Chasseguet-Smirgel afirma que “o acto criativo constitui um dos modos

privilegiados da reparação conseguida. A noção de reparação do objecto constitui a pedra angular do conceito kleiniano de função criativa” (1984, p. 399 cit. por Delgado, 2012).

A criação não surge apenas porque o criador o quer ou porque gosta, mas acima de tudo, porque precisa. Como tal, há uma necessidade e motivação intrínseca no acto de criar que se deve muitas vezes à existência de uma tensão psíquica que precisa de ser elaborada. Segundo o autor André Green, nenhuma criação é possível sem haver antes uma potencial destruição. Melanie Klein olha para este processo como uma reparação consequente à destruição, sendo que, a criação em si é como um expulsar da pulsão violenta, que quando é exteriorizada forma o objecto de arte (Green, 1975). Delgado (2012) colocando a questão de “Qual será então a dinâmica afectiva do criador?”, coloca a hipótese de que esta é uma dinâmica em que a angústia está sempre presente, ou seja, para que a criação tome lugar, deve existir um sinal de perigo. O processo criativo poderá, desta forma, transmitir uma tranquilidade temporária ao sujeito, mas sem antes implicar uma transformação e mudança (terceiro mecanismo referido pelo autor). Porque criar é, como já foi referido acima, transformar.

### **2.2.1 O criar e a escrita – função reparadora**

Relacionamos agora a escrita com os conceitos acima referidos acerca do acto criativo. Vários estudos apontam no sentido de que a escrita, em grande parte dos casos, potencia um efeito positivo no estado psicológico do sujeito. As emoções positivas e agradáveis tendem a intensificar-se e as negativas a dissiparem-se (Kohanyi cit. por Kaufman & Kaufman, 2009), sobretudo quando a escrita é dirigida a si mesmo. Escrever permite que o sujeito tenha a oportunidade de melhorar a sua capacidade de auto-análise, de distanciamento das situações e emoções com vista a uma reflexão mais sólida. Ao experimentar esta sensação de controlo, o indivíduo começa a conhecer-se melhor (King & Miner, 2000, cit. por Kaufman & Kaufman, 2009).

Em adição, o escritor estrutura o seu pensamento e organiza as suas emoções ao escrever, tornando o pensamento mais coerente e fácil de dissecar. As narrativas da escrita parecem promover o auto-conhecimento e o *insight* (Cameron & Nicholls, 1998), permitindo que aquele que escreve seja capaz de assimilar com maior clareza e dar um sentido mais aprofundado à experiência vivida (Pennebaker & Beall, 1986). No caso do escritor de um diário, a escrita é também um meio de dar significado ao que se sente sem o risco de ser criticado negativamente, sem ser motivo de qualquer julgamento.

Segundo Ostrower (1977), a escrita, como acto criador que é, abrange a capacidade de compreender, relacionar, estruturar, configurar e dar significado. A escrita actua, por isso, na auto-regulação, no sentido em que estimula a capacidade de reconhecer e gerir as emoções, que irão, por sua vez, permitir um auto-controlo mais eficaz e torna o ambiente envolvente mais controlável e previsível (Cameron & Nicholls, 1998; King, 2002, cit. por Kaufman & Kaufman, 2009).

Uma vez que uma experiência é colocada no papel, torna-se mais simples e flexível e pode ser assimilada com menos esforço e/ou dor, permitindo que o indivíduo ultrapasse uma vivência difícil com menos agonia possível (Pennebaker & Beall, 1999; Spera et al, 1994 cit. por Kaufman & Kaufman, 2009). A escrita pode também revelar-se para o autor uma importante e benéfica ferramenta de introspecção.

O estudo de Kaufman e Kaufman (2009) aponta para o facto de que a escrita aparenta ser um regulador de humor capaz de nivelar variações entre estados e agindo mesmo como um factor de protecção. À pergunta “De que forma a escrita afecta o seu humor?”, a maioria dos participantes responde que os afecta positivamente: sentem-se mais calmos, serenos, criativos, inspirados e imaginativos. Os participantes referiram também que escrever os ajudava a perceber os seus pensamentos e emoções com uma maior clareza; a estruturar e organizar as ideias de modo a que possam desenvolvê-las e explorá-las e por isso mesmo, fazia com que chegassem a conclusões mais delineadas e elaboradas; ajudava a concentrarem-se mais eficazmente num caminho metódico, com uma linha de raciocínio e fio condutor que torna os acontecimentos mais manejáveis. Por conseguinte, os autores do estudo chegaram à conclusão de que a escrita parece ter um efeito catártico clarificando o pensamento e transmitindo uma sensação de bem-estar (King, 2002, cit. por Kaufman & Kaufman (2009). André Green, relaciona também esta sensação de catarse com a escrita dizendo que se trata de um acordar de um corpo adormecido, um reavivar da vitalidade com uma libertação das pulsões e da tensão (Green, 1975).

Esta libertação pode ter início num estado psicológico que alguns autores denominam de *flow* e que aqui traduzimos por “fluxo” ou “onda de inspiração”, uma peça importante no processo de escrever (Csikszentmihalyi, 1990; Perry, 1996, cit. por Kaufman & Kaufman (2009). O “fluxo” trata-se do estado de absorção intensa em que o sujeito se encontra quando escreve (ou reconhece mais tarde que acabou de sair dele), quando o tempo fica suspenso e parece congelar e a escrita flui naturalmente do autor. É como experimentar uma viagem longe donde se encontra, sem sair fisicamente do local. Alguns escritores sentem que vão para um sítio mais profundo e sombrio,

outros sentem que se elevam numa sensação descrita como “andar nas nuvens” (op. cit.), em ambas as situações é como se entrassem noutro mundo diferente do da realidade.

Numa perspectiva dinâmica, Bion (1963) define os continentes de pensamento como os processos dinâmicos que tanto provocam transformações dos conteúdos armazenados como dão sentido a esses conteúdos. O trabalho da escrita, por criar novos continentes de pensamento - e na medida em que a função continente potencia a tomada de consciência do *self* -, é capaz de estruturar e enriquecer o sentimento de identidade, desenvolver a comunicação com o *self* e o sentimento de auto-pertença do eu (Delgado, 2012). Tal como Kaufman e Kaufman (2009) descrevem no seu livro: o testemunho de um escritor que relata a escrita como “o único momento em que sou completamente honesto comigo próprio” (p. 51).

Anzieu (1985, cit. por Delgado, 2012) explica que um conteúdo não pode existir sem primeiro haver uma relação com um continente. Entende-se por conteúdo de pensamento tudo o que está inserido na actividade psíquica do sujeito, ou seja, todas as percepções, imagens, sentimentos que lhe vêm à mente, incluindo as que estão sob o domínio inconsciente por terem sido recalcadas.

O autor, em 1981 (cit. por Delgado, 2012), considera a existência de cinco fenómenos psíquicos (definidos por Bion), presentes nos escritores quando se encontram em processo de criação: fantasmas inconscientes; processos cognitivos organizadores da escrita; o sistema de representação de si; os sistemas de representação simbólica (sendo o principal o sistema de representação da linguagem) e os continentes grupais (donde se inclui as normas culturais, sociais e familiares). O escritor utiliza, pois, a escrita como forma de construir e/ou reparar os continentes de pensamento. Delgado (2012) reflectindo sobre esta questão, revela que o eu do autor não é uma tábua rasa mas sim “um envelope activo e um receptáculo” (op. cit., p. 198). A escrita passa, portanto, pela tentativa de captar a função organizadora e reparadora dos fantasmas ou das solicitações provindas do meio a partir da contrução de um texto.

A partir da Teoria do Pensamento de W. Bion, é possível fazer um paralelismo com os continentes de pensamento envolvidos na escrita. Segundo o psicanalista britânico, na relação mãe-bebé a função alfa é a capacidade de transformação dos elementos-beta - que se referem a sensações e experiências emocionais primitivas e extremamente desconfortáveis para o bebé por estarem relacionados com a pulsão de autodestruição e à angústia-, em elementos-alfa – fonte de desenvolvimento psíquico e de desenvolvimento mental para a criança. A função alfa é uma função exercida pela mãe, cujo papel consiste em ser um continente adequado, de modo a acolher, conter, decodificar e devolver para o filho aquilo que ele projetou nela, agora “desintoxicado”, significado e

nomeado, que se constituirá nos elementos-alfa. Essa capacidade que a mãe tem de transformar os elementos-beta em elementos-alfa, denomina-se de *rêverie* (Bion, 1963). O armazenamento desses elementos-alfa possibilita no sujeito, o pensar e o aprender com as experiências e faz com que seja capaz de formular representações simbólicas sem se sentir destruído (Delgado, 2012).

A escrita, tal como a capacidade de *rêverie* materna, pode permitir que o sujeito experimente estabilidade, bem-estar e constância. O escrever equipara-se também às funções do continente materno: “reconstruir sensações, imagens, afectos toleráveis e restaurar objectos internos/externos destruídos” (Delgado, 2012, p.200).

Diversos são os autores que consideram que “expressar sentimentos e pensamentos acerca de uma situação difícil para o sujeito, ou mesmo traumática, pode trazer benefícios à saúde física e mental” (Frattoroli, 2006; Pennebaker, 1997, Smyth, 1998, cit. por Kaufman & Kaufman, 2009). Os conteúdos associados a uma experiência negativa têm tendência a ficar entorpecidas à medida que são colocadas no papel e passam a não ter o mesmo peso de outrora. A ansiedade por eles (conteúdos) provocada tende igualmente a diminuir, o que ajuda a implementar um melhor funcionamento mental do dia-a-dia.

Em termos psicanalíticos isto traduz-se na concepção de que a escrita apresenta as seguintes funções: permite que o sujeito se confronte com as consequências psíquicas dos seus traumas infantis e realize movimentos regressivos mais rápida e profundamente, “mobilizando representações arcaicas, evitando assim o desmoronamento psíquico”; cria um espaço pessoal de criação com uma capacidade de *rêverie* que lhe permite ter acesso, “sem perigo de aniquilação, aos movimentos de tentativa e erro” postos em acção em qualquer acto de criação (Delgado, 2012, p.212); funciona, ainda, como uma função alfa integradora e superadora dos conflitos internos e das fragilidades identitárias no campo da simbolização e sublimação.

### **2.2.2 A escrita de e para Anne**

Como vimos, a escrita é uma forma de expressão emocional com características que se podem revelar reparadoras. Harber e Pennebaker (1992) consideram que “a expressão escrita sobre experiências adversas pode ajudar os indivíduos a reorganizar e assimilar estas experiências”. Neste sentido, a literatura sugere que os indivíduos que confrontam as suas experiências traumáticas através da escrita, pensando sobre elas e explorando os sentimentos que estas induzem, adaptam-se melhor a acontecimentos indutores de stress (Pennebaker & Beall, 1986; Pennebaker, 1997 In. Figueiras &

Marcelino, 2008). Anne inscreve-se nesta descrição, na medida em que passou por uma situação difícil de elaborar e aceitar, indutora de angústia e sofrimento.

Anne sempre adorou escrever e sonhava um dia ser jornalista, tendo escrito para além do Diário, diversos contos, fábulas e histórias enquanto esteve no Anexo. Perante a obrigação de estar presa num espaço com mais sete pessoas e sob uma ameaça constante de serem descobertos e assassinados, situação indutora de uma angústia constante, Anne recorre à escrita. Podemos imaginar como facilmente se chegava à exaustão entre todos os residentes. Cansados uns dos outros, por vezes, o ambiente era depressivo e o medo estava sempre presente nas mentes de todos.

O que levou, então, Anne a escrever e a manter um diário durante todo o período de tempo em que esteve no Anexo Secreto?

Anne encontrou na escrita uma forma de poder exprimir os seus sentimentos, ideais, valores e opiniões: “Embora eu tenha apenas catorze anos, sei o que quero, sei quem tem razão e quem não tem, tenho as minhas próprias opiniões, ideias e princípios (Frank, 2011, p. 299). O diário é iniciado com a frase: “O papel tem mais paciência que as pessoas.” (op. cit., p.21). Adolescente como era, Anne sentia-se injustiçada porque ninguém disponibilizava uma escuta activa acerca do que ela tinha para dizer e, muito menos, ouvir as suas opiniões que, segundo a mesma, eram dignas de serem ouvidas. No diário, o que dizia não sofria qualquer tipo de julgamento que não o dela própria: “Condeno-me de tantas maneiras..” (op. cit. p.426); “Querida Kitty,(...) quando estou contigo posso ser eu própria” (op. cit. p.296).

Respondendo à pergunta inicialmente colocada, Anne responde-nos: “Agora estou de volta ao ponto que me levou a ter um diário: não tenho um amigo verdadeiro” (op. cit., p.21). Um profundo sentimento de solidão é notório ao longo da obra, aliado a uma necessidade de amar e ser amada, de ter alguém que a compreenda em pleno, alguém a quem ela se possa mostrar por completo, sem barreiras nem máscaras, tal qual ela é. “Pode-se estar sozinho mesmo quando se é amado por muitas pessoas se no fundo não se é realmente a pessoa mais importante do mundo para ninguém” (op. cit., p.213).

O Diário, em forma de cartas, é sempre endereçado a Kitty. Uma amiga imaginária que Anne criou e em quem podia depositar toda a sua confiança, que a compreendia por completo e que funcionava como um depósito de desabafos, angústias, medos e até alegrias. Por vezes Anne, tão absorvida nesta fala com Kitty, chega a usar esta personagem criada por ela como se de um Super-Ego se tratasse, colocando perguntas e respondendo-as de seguida, colocando limites no

pensamento, algum controlo nas afirmações que utiliza, onde recorre também a juízos de valor direccionados a si-mesma: “Sei exactamente aquilo que vais dizer Kitty” (op. cit., p.234).

O papel serve para a jovem escritora, como catalisador neste processo de crescimento de autonomia, opinião própria e sensação de independência: “embora isto possa parecer estranho vindo de uma adolescente, sinto-me mais uma pessoa que uma criança – sinto que sou completamente independente dos outros” (op. cit. p.299). Mais que uma escrita por desabafo, é uma escrita para si-mesma que vai revelando ao longo do tempo, uma introspecção cada vez mais elaborada e uma facilidade crescente em pensar sobre assuntos cada vez mais mais complexos: “Todos os dias me sinto a amadurecer.” (op. cit., p.369); “Em tudo o que faço, consigo observar-me como se fosse uma desconhecida” (op. cit. por 426).

Para Anne, o diário parece funcionar também como uma argamassa para aguentar a sua estrutura psíquica. Isto é, para o seu mundo interno não desmoronar, Anne pode ter encontrado na escrita, um mecanismo que fizesse com que ela se mantivesse sempre “à superfície”. A própria escritora refere: “A minha escrita ajudou-me a sair um pouco das «profundezas do desespero»” (op. cit., p.213), “o melhor de tudo é poder escrever todos os meus pensamentos e sentimentos, se assim não fosse, já teria sufocado completamente”. Pode também dizer-se que o diário é um local seguro onde Anne se pode refugiar de tudo por uns momentos: “Ufa! Livre da melancolia e do pessimismo por alguns instantes!” (op. cit. p.294). Era como fugir para outro mundo diferente da realidade e portanto, não-hostil.

Foi referido acima, que alguns escritores descrevem a escrita como uma viagem a um local mais profundo e sombrio e outros têm a sensação que flutuam (Csikszentmihalyi, 1990; Perry, 1996, cit. por Kaufman & Kaufman, 2009). No caso de Anne foi possível observar-se as duas viagens em fases distintas: “Se lesse todas as minhas cartas de uma assentada, repararias que são escritas numa variedade de estados de espírito” (Frank, 2011, p. 198).

Nos períodos em que se verificava uma certa sintomatologia depressiva, que consideramos adequada face à situação em que se encontrava, Anne escrevia acerca de pensamentos profundos e elaborados. Algumas passagens do diário são ilustrativas destas fases: “À noite na cama, vejo-me sozinha, numa masmorra” (op. cit. p.198); “Dói-me realmente a mente... por dentro...” (op. cit., p.290); “Antes de adormecer penso na estranha sensação de querer ser diferente daquilo que sou, ou de ser diferente daquilo que quero ser, ou talvez de me comportar de forma diferente daquilo que sou ou que quero ser (...) Por isso posso apenas aconselhar-te a não releres a passagem acima e a não fazeres qualquer tentativa de chegar ao fundo dela, pois nunca conseguirás voltar ao de cima!” (op.



cit. p. 102); “Quando é que voltarei a ter paz interior?” (op. cit, p.290); “Um dia vazio, embora límpido e brilhante, é tão escuro como qualquer noite” (op. cit. p.318).

Nos dias em que escrevia sobre pequenas alegrias, principalmente, no período de fascínio e paixão por Peter, Anne já escreve com uma fluidez mais positiva e leve: “Sou abençoada com muitas coisas: felicidade, bom humor e força” (op. cit. por 369); “O tempo está maravilhoso, indescritivelmente belo, vou subir até ao sótão daqui a nada” (op. cit. p. 296); “Estive lá em cima no sótão com o Peter. Fiquei lá sentada, a sonhar de olhos fechados, e foi maravilhoso” (op. cit, p. 301).

Percebemos, portanto, que no acto de criar a partir da escrita, Anne é capaz de se aproximar do seu mundo interno, de falar sobre as suas emoções e pensamentos e estender a sua comunicabilidade a conteúdos próprios e intrínsecos, organizando-os. A jovem escritora acaba por criar o seu espaço naquele Anexo. Um espaço para ser ela própria. Esse espaço é criado pelo diário.

**PARTE III**  
**O MUNDO LÁ FORA**

### **3. O Mundo lá Fora**

#### **3.1 Exclusão Social**

A desigualdade é um princípio presente em qualquer forma de estruturação social onde se verifica uma distribuição desproporcional de recursos (materiais e sociais) entre as várias classes de uma sociedade. A exclusão surge com a agudização dessa diferença social e resulta, portanto, de uma desarticulação entre diversos indivíduos de diferentes grupos sociais. A própria ideia de grupo social já promove em si a desigualdade. Deste modo, a desigualdade pode potenciar no indivíduo uma não-participação plena e activa na sociedade, inerente à figura de excluído, opondo-se claramente ao conceito de integração social (Capucha, 1998 cit por Rodrigues, Samagaio, Ferreira, Mendes & Januário, 1999). O Holocausto pode ser um exemplo de desigualdade social e exclusão, tendo contudo as suas particularidades. Freud diz-nos:

As guerras não poderão terminar enquanto os povos viverem em tão diversas condições de existência, enquanto as valorações da vida individual diferirem tanto entre uns e outros e os ódios, que os separam, representarem forças instintivas anímicas tão poderosas. (op. cit., 1915, p.5)

O Holocausto, inserido numa Grande Guerra Mundial foi uma das catástrofes mais traumáticas alguma vez criadas pelo Homem, onde seres humanos foram expostos a atrocidades inqualificáveis (Barel, Sagi-Schwartz, IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 2010). Este conjunto de acontecimentos referem-se a um genocídio direccionado para a destruição massiva dos judeus durante o período em que o poder nazi era dominante. Durante este período, milhões de pessoas foram perseguidas e assassinadas apenas devido às suas características sociais, culturais, étnicas e religiosas (LaCapra, 2001). Perante este cenário de exclusão em particular, verifica-se uma privação dos direitos humanos da forma mais atroz que possamos imaginar e arrastando para fora ou para a periferia da sociedade todos aqueles que não participam dos valores e das representações sociais dominantes (Fernandes, 1995 cit por Rodrigues et al., 1999; Gutman, 1990).

A máquina nazi antissemita, com todas as suas atrocidades, provocou em grande medida e em muitos casos, uma humilhação imensa, sofrimento físico e psíquico, despersonalização e perda de auto-estima (Eitinger, Robert & Rieck, 1985). Os judeus eram vistos e tratados não como seres humanos mas como meros objectos, algo a abater e exterminar por completo. Despojados de qualquer bem, afastados da dignidade e privados da liberdade de viver (Braham, 1988).

Cerca de 6 milhões de judeus foram transportados como animais para campos de concentração, onde viveram constantes ameaças à sua vida, assistiram a muitas mortes e viveram em condições deploráveis de higiene e de alimentação (Eitinger & Major, 1993; Mazor, Gampel, Enright, & Orenstein, 1990 cit. por Barel, Sagi-Schwartz, IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 2010). Outros judeus viveram escondidos sob falsas identidades e num constante medo de serem descobertos e irremediavelmente mortos (Ben-Zur & Zimmerman, 2005; Yehuda, Schmeidler, Siever, Binder-Brynes, & Elkin, cit. por artigo Barel et al., 2010), como foi o caso de Anne Frank.

### **3.2 Reclusão**

Ainda foram alguns os casos, que conseguiram escapar da ida para um campo de concentração optando pela via da clandestinidade, outros apenas adiaram este triste fim, como foi o caso da família Frank. Foram situações em que foi possível reunir ajuda de não-judeus em quem pudessem confiar, arranjar um local seguro para viver durante um período indeterminável de tempo e fugir sem deixar rasto (LaCapra, 2001).

Pode dizer-se que a ida para um esconderijo levava a dois tipos de sentimentos: um alívio imenso pela sensação de terem escapado mas por outro, a ideia do que se avizinhava nos tempos próximos: tratava-se não de um viver mas sim sobreviver. Esta sensação de terem escapado, rapidamente se esvanecia. Cada dia que passava significava mais 24h de profunda agonia e terror de serem descobertos e numa esperança cada vez mais esmorecida de que a guerra iria acabar em breve. Havia o perigo de traição e denúncia daqueles que se encontravam escondidos ou “mergulhados” como denominam diversos autores e inclusive Anne Frank no seu diário. Para além disso, a comida, o dinheiro e as senhas de alimentação no mercado negro eram cada vez mais escassos; viva-se com o medo diário de fazer algum tipo de barulho que os denunciasses e com o receio de poderem adoecer e não ter acesso a um tratamento médico conveniente (Van der Rol & Verhoeven, 1993; Anne Frank House, 2003). Privados de tudo e de todos, os “mergulhados” iam (sobre)vivendo como que numa bolha, uma bolha que podia rebentar a qualquer momento.

Não se trata, portanto, de uma reclusão qualquer. É um sofrimento peculiar e singular. É uma vida em esconderijo de constante perigo, com ameaça de morte bem evidente e sentida. O sujeito pode ter dificuldade de dar um significado à situação em que se encontra porque a razão de lhe terem sido retirados toda a liberdade e direito de viver como qualquer outro ser humano, deve-se a uma terceira pessoa e não a si próprio (Kllermann, 1999), simplesmente porque é judeu.

### 3.3 Anne e o Mundo “lá fora”

Anne foi uma destas vítimas. Alguém que conseguiu escapar das mãos dos nazis por dois anos e 1 mês mas que acabou por confirmar os seus medos quando foi descoberta e levada para um destino fatal num campo de concentração.

Em plena vivência de uma vida livre e activa socialmente, Anne Frank, uma rapariga de 13 anos, viu-se obrigada a esconder-se num anexo criado para si para a sua família nas traseiras do edifício da firma do pai. Ao questioná-lo acerca do porquê desta necessidade de se esconderem, Otto não tem palavras para lhe explicar que possivelmente todos os judeus estariam em perigo de vida e que o sistema político em vigor considera-os um nada, apenas meras coisas sem qualquer valor, alvos de perseguição e destruição (Lee, 1999).

Através da sua escrita, Anne comunica-nos o seu sofrimento, o sofrimento decorrente da impossibilidade de viver em pleno como qualquer pessoa normalmente o faria, ou melhor: como uma adolescente (“Estamos presos nesta casa como se fossemos leprosos”, Frank, 2011, p. 210; “A nossa liberdade foi severamente restringida por uma série de decretos anti-judeus”, op. cit., p. 23). Apesar de raras as situações, ela interroga-se do porquê de ser obrigada a fugir de algo que não tem culpa? (“Porquê esta guerra? Oh, porque é que as pessoas não conseguem viver juntas em paz? Porquê toda esta destruição?”, op. cit., p.368). Uma guerra e perseguição que a leva a esconder-se como se estivesse com uma doença contagiosa ou tivesse cometido algum crime. Mas não, estava a fugir para não morrer. Porque alguém a queria matar, porque Hitler assim o queria (“Belos espécimes da humanidade, estes alemães, e pensar que também sou um deles! Não, isso não é verdade, Hitler tirou-nos a nacionalidade há muito tempo”, op.cit. p. 79).

Anne tenta, por vezes, contrariar o desespero de estar fechada e em perigo num esconderijo, pensando no que há de positivo na situação: “Quando penso nas nossas vidas aqui, chego à conclusão de que vivemos num paraíso, em comparação com os judeus que não estão escondidos” (op. cit., p.142). Isto cria um sentimento de ambivalência em Anne, por um lado está viva, num esconderijo e não num campo de concentração, mas por outro, está fechada para o mundo, incapaz de viver a sua vida e estando cada vez mais desesperada e impaciente: “No topo do mundo, nas profundezas do desespero.” (op. cit., p. 210); “Brrr... odeio o som de tiros.” (op. cit., p.311); “Há muito tempo que andava a pensar porque é que ainda me dou ao trabalho de estudar e fazer trabalhos de casa. O fim da guerra parece tão distante, tão irreal, como um conto de fadas” (op. cit., p.332). É neste regime de clausura que a angústia de morte e o confronto com a finitude vai de

encontro a Anne: “Quem sabe, talvez chegue o dia em que me deixarão em paz mais do que gostaria” (op. cit., p.244).

Segundo Freud, a morte própria é inimaginável, e todas as vezes que tentamos fazer dela um pensamento racionalizado podemos observar que, em rigor, permanecemos sempre como espectadores. Refere ainda que no fundo, ninguém acredita na sua própria morte, ou seja, no inconsciente o sujeito está convencido da sua imortalidade (op. cit, 1915). Perante uma situação de morte eminente, o indivíduo começa a ponderar esta hipótese de uma forma mais consciente. A morte outrora irrepresentável torna-se cada vez mais representável. A consciência e o medo da finitude encerram um sentimento de isolamento e separação do resto do universo, confronto com a fragilidade e fugacidade da vida e ainda, a certeza da morte (Sorj, 2004).

Anne não escreveu muitas vezes, de forma evidente, sobre esta ameaça de morte e confronto com a finitude. A maior parte do diário debruça-se pelas rotinas diárias do Anexo, falta de comida (“Nós, que não comemos nada a não ser duas colheres de cereais quentes ao pequeno-almoço e estamos absolutamente esfomeados”, Frank, 2011, p.377); exaustão (“A atmosfera está opressiva, sonolenta e pesada como chumbo” op. cit. 192); conflitos entre os residentes (“por vezes há razões para uma zanga “a sério”, mas as trocas verbais que ocorrem aqui são simples birras. Já devia estar acostumada ao facto destas disputas serem ocorrências diárias, mas não estou, e nunca estarei” op. cit., p.66); queixas de monotonia e falta de assuntos e acontecimentos novos (“Os nossos pensamentos estão sujeitos a tão poucas alterações como nós. São como um carrossel, girando entre judeus e a comida, a comida e a política”, op. cit., p. 108; “A monotonia está a dar cabo de mim.”, op. cit, p.425).

Contudo, existem passagens que ilustram esta problemática: “Não poder sair perturba-me mais do que consigo explicar, estou apavorada, com medo que o nosso esconderijo seja descoberto e que sejamos mortos. Isso é, claro, uma perspectiva bastante sombria” (op. cit, p.46); “Hoje tenho apenas novidades tristes e deprimentes para te contar. Os nossos muitos amigos e conhecidos judeus estão a ser levados em massa. (...) Partimos do princípio de que a maioria está a ser assassinada. (...) Sinto-me terrivelmente. Os relatos de Miep destes horrores são tão dilacerantes” (op.cit., p.78); “Estão a acontecer coisas terríveis no exterior” (op. cit., p.112); “Cheguei a um ponto em que já pouco me importa se vivo ou morro. O mundo continuará sem mim e, de qualquer maneira, não posso fazer nada para alterar os acontecimentos!” (op. cit, p.248); “Quando levávamos ainda uma vida normal, tudo era espantoso...” (Schnabel, 2003).

É notório que ao longo do diário, Anne vai evitando tocar nesta temática (o perigo que corria). Talvez porque era impossível construir sentido para uma situação tão inacreditável como esta. Perante uma condição humana tão desrespeitada e a possibilidade de vir a ser pior (caso o Anexo fosse encontrado como acabou por acontecer). Como forma de protecção, Anne prefere não falar tantas vezes no assunto, para o seu mundo interno não se desmoronar, para não se desorganizar: “Podia passar horas a falar-te sobre o sofrimento que a guerra está a trazer, mas isso serviria apenas para me deixar mais infeliz ainda” (op. cit., p.113). Podemos, pois, colocar a hipótese de que é uma tentativa de sobrevivência psíquica onde Anne cria um sistema defensivo. Uma das características deste sistema é também o recorrer à fantasia.

Recorremos a Klein e Kogan para explorar este ponto:

No período de traumatização prolongada do Holocausto, a negação apoiada na fantasia funcionou como uma defesa contra a sobre-estimulação traumática, como uma tentativa para ganhar distância (...) do mundo externo de agressão e de desespero. (...) A esperança pode ser pensada como o reservatório global dos processos de identificação com objectos internos bons e com fantasias projectadas no futuro, através do uso de experiências interpessoais relevantes do passado e do presente e da negação de fragmentos da realidade devastadores. (...) Em resumo, em situações de perigo, os processos de negação e identificação constituem uma tentativa do aparelho psíquico para se apoiar nas partes conhecidas e estimadas do self. Quer a negação (apoiada na fantasia, em palavras e em actos) quer os processos de identificação (pela fantasia e pela acção) são necessários para a tolerância a afectos de dor e aflição (Klein & Kogan, 1986, p.46, cit. por Carreiras, 2005, p.333-334).

É com alguma frequência que Anne afasta este mundo hostil e sonha com um mundo que ela mesma idealiza no diário, um mundo com futuro, alegria e sucesso depois da guerra considerando, por vezes, que tudo não passa de uma grande aventura para relembrar mais tarde: “Sou ainda nova e tenho muitas qualidades escondidas. (...) estou a viver uma grande aventura” (Frank, 2011, p.368); “Hoje estamos longe de sermos ricos, mas tenho as minhas esperanças voltadas para depois da guerra (...) Gostava de viver um ano em Paris e em Londres, aprendendo a língua e estudando história de arte (...) Como já te disse muitas vezes antes, quero ver o mundo e fazer todo o tipo de coisas excitantes!” (op. cit., p.376); “Temos muitas razões para esperar uma grande felicidade” (op. cit., p.421).

Outro factor que ajudou nesta tentativa de não se desorganizar, foi Anne desenvolver uma afeição à religião e à natureza, dimensões que nunca antes lhe haviam interessado mas que no Anexo tomam outra importância e peso: “(...) Deus estava sem dúvida a olhar por nós” (op. cit., p.342); “Se Deus me deixar viver (...)” (op. cit., p.323) “Esta manhã, quando estava sentada em frente da janela,

olhando longa e demoradamente para Deus e para a natureza, senti-me feliz, pura e simplesmente feliz” (op. cit., p.266); “Será por não sair há tanto tempo que me tornei tão fascinada pela natureza? Lembro-me de uma altura em que coisas como um magnífico céu azul, pássaros a chilrear, luar e flores em botão não me teriam cativado. (...) faz-me realmente sentir calma e esperançada. A natureza faz-me sentir (...) pronta para enfrentar todos os golpes com coragem!” (op. cit., p.413); “A natureza é a única coisa para a qual não há substituto!” (op. cit., p.414); “As pessoas religiosas podem dar-se por felizes, pois nem toda a gente é abençoada com a capacidade de acreditar numa ordem superior (...) a religião em si mesma mantém uma pessoa no caminho certo. Não o medo de Deus mas seguir o nosso próprio sentido de honra e obedecer à nossa própria consciência” (op. cit., p.421).

Outra problemática interessante de analisar é o sentimento de culpa. O autor Schwartz (2009) refere a presença de um sentimento de culpa nas vítimas de Holocausto, uma culpa que as persegue principalmente no caso dos que “mergulharam” num esconderijo. Esta culpa remete para o pensamento do indivíduo ter feito algo de mal que justificasse todo o sofrimento pelo qual estavam a passar e pensam porque é que têm direito a estar vivos e os outros não. Anne vive este pensamento ao lembrar-se de Hanneli, uma amiga da escola: “Mas então porque é que eu fui escolhida para viver, enquanto ela vai provavelmente morrer? Qual é a diferença entre nós? Porque estamos agora tão distantes? (op. cit., p.204); “Temos tanta sorte aqui, longe do tumulto. (...) Sinto-me mal por dormir numa cama quente, enquanto algures, lá fora, os meus amigos mais queridos estão a tombar de exaustão ou a serem atirados ao chão (...) e tudo porque são judeus” (op. cit., p.98).



**PARTE IV**  
**A ADOLESCÊNCIA DE ANNE**

#### 4. Adolescência

O desenvolvimento refere-se a continuidades sistemáticas e a mudanças no indivíduo que ocorrem desde a sua concepção até à morte. Ao descrever mudanças como sistemáticas, implica-se que estas sejam ordenadas, padronizadas, relativamente permanentes. O conceito de desenvolvimento interessa-se também pelas continuidades desenvolvimentais, as formas pelas quais permanecemos os mesmos (Shaffer, 2005). Dois processos estão subjacentes ao conceito de desenvolvimento, segundo este autor: maturação – corresponde ao desenvolvimento biológico do indivíduo de acordo com um plano contido no seu código genético. Um segundo processo crítico do desenvolvimento é a aprendizagem – processo pelo qual as nossas experiências produzem mudanças relativamente permanentes nos nossos sentimentos, pensamentos e comportamentos. Ambos os processos estão presentes na fase da Adolescência.

Necessitamos primeiro de precisar a diferença de significados dos conceitos que iremos utilizar. Puberdade é um processo biológico que tem início entre os dez e os quatorze anos aproximadamente e caracteriza-se por uma actividade hormonal que desencadeia os chamados “caracteres sexuais secundários”. A Adolescência, por outro lado, é sobretudo um fenómeno psicológico e social. Esta maneira de compreendê-la traz-nos importantes elementos para reflexão, pois, sendo um processo psicossocial, a adolescência terá diferentes peculiaridades conforme o ambiente social, económico e cultural em que o adolescente se desenvolve (Outeiral, 2001).

Durante esta fase, o adolescente está dedicado à tarefa de experimentar as suas mudanças pessoais inerentes à puberdade. Cada indivíduo chega ao desenvolvimento da sua capacidade sexual e às manifestações sexuais secundárias com uma história particular, só dele. De uma forma própria, e quando se trata de indivíduos saudáveis, cada um deles viveu a fundo, antes do período de latência, a experiência do Complexo de Édipo, isto é, das duas posições principais na relação triangular com ambos os progenitores (ou seus substitutos) onde também já têm lugar formas organizadas de evitar a ansiedade ou de aceitar e tolerar os conflitos inerentes a essas circunstâncias essencialmente complexas. Ocorre também, como consequência das experiências da infância, determinadas características e tendências pessoais herdadas e adquiridas, fixações a tipos pré-genitais de experiência instintiva, resíduos de dependência e crueldade infantis e, além disso, todo o tipo de padrões patológicos vinculados com falhas de maturação ao nível edípico e pré- edípico. Assim, o rapaz ou a rapariga, chegam à puberdade com todos os seus padrões pré-determinados, que correspondem a

experiências da infância; e é muito o que permanece inconsciente e muito o que se desconhece porque ainda não foi experimentado (Winnicott, 1961).

Na sua obra acerca da Teoria da Sexualidade, Freud considera que “com o início da puberdade, decorrem transformações que levarão a vida sexual infantil à sua forma definitiva e normal” (cit. por Braconnier & Marcelli, 2000, p. 61). No seguimento de Freud, autores como Melanie Klein, Anna Freud e Winnicott, verão nestas transformações a fonte de perturbações no equilíbrio psíquico do adolescente (Braconnier & Marcelli, 2000).

Os autores Braconnier e Marcelli (2000) referem que as transformações físicas da puberdade conduzem à necessidade de descrição de um processo psíquico designado por pubertário. Segundo Guton (1991), o pubertário estaria para a psique como a puberdade está para o corpo (Braconnier & Marcelli, 2000, p.61). Entende-se por pubertário o processo onde se verifica uma pressão exercida pelo real biológico da puberdade sobre as três instâncias psíquicas (Ego, Superego, *Id*). Esta pressão aliada à inibição das pulsões leva à habitual dúvida que habita todo o adolescente: “a ligação entre o “Eu” e o seu corpo e consequentemente entre o “Eu” e o “Outro” (Braconnier & Marcelli, 2000, p.62). Segundo Braconnier e Marcelli (2000), a transformação pubertária cria um duplo desafio: a necessidade de manter um sentimento de continuidade da existência de um corpo em mudança e a necessidade de integrar esta transformação pubertária no funcionamento psíquico.

A adolescência é considerada um período de transição entre a infância e a idade adulta. Passa por uma série de eventos bioquímicos em que a mais revolucionária das alterações reside neste desenvolvimento de um potencial completamente novo – a capacidade de se envolver na reprodução biológica. Mas a adolescência é muito mais que uma nova capacidade para a reprodução. É fundamental para o curso do desenvolvimento humano o processo de “reprodução cultural”. Além da criação de projectos futuros, os jovens sentem necessidade de estabelecer relações novas e mais maduras com os seus pares, aprender os papéis sociais adequados associados com o *status* de adulto, desenvolver independência emocional dos pais e de outros adultos, adquirir uma compreensão mais profunda dos valores e do sistema ético da sua cultura e ainda, aprender a comportar-se de uma maneira socialmente responsável (Grotevant, 1998 cit. por Cole & Cole, 2004).

A adolescência, em praticamente todas as culturas, é um período em que as relações sociais estão em processo de reestruturação. As mudanças nas responsabilidades e nos papéis sociais que ocorrem nessa época naturalmente dão origem a incertezas e rupturas psicológicas, quando as gerações “mais nova” e “mais velha” renegoceiam as suas relações sociais. Normalmente associamos o seu início à

puberdade onde se verificam, como já vimos, diversas transformações tanto ao nível biológico, como social e psicológico. Estas transformações são rápidas e dão-se ao nível do corpo, das emoções, das atitudes, do campo intelectual, das relações com a família e os pares, da assunção da sexualidade, dos novos papéis sociais, da liberdade e responsabilidade e ainda da construção de novos valores. É neste momento específico do desenvolvimento humano que a pessoa descobre a sua identidade e define as bases da sua personalidade. Neste processo “manifesta-se uma crise na qual se reformulam os valores adquiridos na infância e se assimilam numa nova estrutura mais madura” (Lira, 2010).

As mudanças físicas tomam lugar na puberdade e reúnem os processos de crescimento do corpo, desenvolvimento sexual, alterações no sistema hormonal e uma reorganização neurológica. Ao nível psicológico as mudanças são de domínio cognitivo e moral, representações internas das relações, integração do Eu, mudanças de estados de humor, expressão e controlo das emoções, e ainda da identidade de género. Já as mudanças sociais ou relacionais são mais ao nível das relações familiares, sociais e da intimidade (Ferreira, 2010).

Neste seguimento, torna-se importante realçar os processos de desenvolvimento psicológico que estão presentes nesta fase e que achamos pertinente analisar no diário de Anne Frank por se destacarem nas passagens da obra: a construção e consolidação da identidade, a mudança do objecto de amor e a sexualidade na adolescência.

#### **4.1 Identidade**

A adolescência é uma fase importante no processo de consolidação da identidade: tanto a pessoal, como a psicossocial e a sexual. Erik Erikson considera que o sentimento de identidade é o sentimento intrínseco de ser o mesmo ao longo da vida, atravessando mudanças pessoais e ocorrências diversas (Shvoong, 2007). Os adolescentes vão, através de uma crise potenciadora de energias, confrontar-se com esta problemática identitária (que Erikson categoriza na 5ª idade - Identidade vs Difusão/Confusão). É também com uma certa desorientação entre avanços, hesitações e recuos que se fazem importantes experimentações de afirmação do ego, na construção de identidade.

Noller e Callan (1991 cit. por Noller, 1994) consideram que os factores familiares afectam o processo de exploração da identidade. A Família tem vindo a ser considerada como um meio e sistema crucial no processo de formação de identidade do sujeito (Sprinthall & Collins, 1988). Uma das principais funções da família é a de providenciar uma continuidade entre as aprendizagens da

infância e as novas exigências da adolescência e da idade adulta. Deve, pois, existir uma passagem de modelos e papéis dos adultos que já foram aprendidos na infância para uma consolidação destes conceitos e processos na adolescência. Esta integração dos papéis do passado e os do futuro vão fazer parte da formação de uma identidade madura na fase da adolescência (Sprinthall & Collin, 1988).

Coimbra de Matos (2002), diz-nos que um aspecto muito importante da adolescência reside na busca de uma identidade própria, com todos os inerentes êxitos, dificuldades e insucessos que poderá acarretar. A identidade que vai aos poucos sendo assumida, possibilita a sensação definitiva dos modelos formadores, o investimento de novos objectos e o rumo para outros objectivos (mais pessoais), representando este processo uma crescente independência social (op.cit., p.110).

O que costumamos denominar de “crise da adolescência”, não é mais, na opinião do autor, que uma acentuação reactiva da necessidade de firmar (afirmando) a identidade enquanto o conservantismo da sociedade tolera dificilmente qualquer progresso ou mutação. Esta “crise” nada mais é, portanto, senão uma onda do desenvolvimento onde impera algum narcisismo tão importante nesta fase de consolidação da identidade. Devemos, contudo, diferenciar a posição narcísica da perspectiva narcísica: a primeira refere-se a uma atitude de enlevamento pela própria imagem – é o narcisismo tal como o concebemos habitualmente; a perspectiva narcísica tem que ver com o comportamento reflexivo num “rever-se numa atitude de auto-observação” – *insight*. Este último, parece encaixar com o caso de Anne. No diário, revelou uma capacidade de auto-análise muito forte num período em que a vida mental é extremamente intensa e móvel já por ser adolescente, acrescentando-se ainda o facto de estar escondida, com um medo constante de ser encontrada e morta. Esta ferramenta de observação vai ficando cada vez mais afinada ao longo do tempo. Anne quase que se observava e analisava, tanto positiva como negativamente, como se de uma personagem exterior a si-mesma se tratasse.

A identificação do Eu a um objecto (objecto de identificação) é uma modelação do Eu segundo as características desse mesmo objecto e é realizada por percepção, imitação e assimilação de um ou vários atributos do objecto. Mas a identidade forma-se também pela consolidação de características próprias. É a união destas duas dimensões que tornam a identidade tão singular e específica (Matos, 2002).

## 4.2 Mudança do objecto de amor

A tarefa do adolescente é abandonar o mundo da infância e integrar-se no mundo adulto, abdicar das vantagens infantis para poder assumir os benefícios da idade adulta que se avizinha. Ao longo do desenvolvimento psíquico do sujeito, assiste-se a uma “dupla tendência polarizada por objectos diferentes que captam finalidades diversas. Enquanto que o objecto infantil é a conservação do objecto familiar (conhecido), o objecto adulto refere-se à conquista do objecto extrafamiliar (algo estranho e novo) (op.cit, p. 180).

Assiste-se neste período do desenvolvimento psíquico, a uma perda da vida infantil, da familiar, da protegida pelos pais e, efectivamente, a perda do objecto edipiano e do objecto primário (op. cit.). O ideal é que esta mudança de objecto seja compensada com um encontro e investimento de um objecto de amor sexual adequado e satisfatório. É, pois, em torno da mudança objectal que a evolução adolescente tem lugar.

Para compreendermos a adolescência temos de compreender este trabalho de luto tão essencial ao desenvolvimento psicoafectivo e social. Trata-se, pois, de um jogo de saída da ligação amorosa infantil para entrar noutra já adulta o que implica, necessariamente, um certo desinvestimento do objecto parental e o investimento do objecto sexual. Este é o fenómeno nuclear da transição juvenil: a decadência da relação anaclítica e narcísica e a aceitação da relação genital consumada. Segundo Matos (2002):

Este desinvestimento do objecto parental passa pela sua desidealização e redução dos seus atributos onnipotentes, pela sua demitização ou dedeificação; processo fundamental, não só para o efectivar deslizando da separação, como também para a conquista de uma suficiente confiança em si próprio (op. cit., p.185).

É importante realçar que este trabalho de luto potencia um conflito intrapsíquico: um conflito entre o apego ao que se tem e conhece e o fascínio pelo novo e que não se possui; “se quisermos uma fixação-regressão e a mudança-progressão” (op. cit, p. 181). O primeiro objecto de amor foi o seio mas a mãe, objecto do *self*, destaca-se rapidamente como o objecto preferencial e de segurança narcísica (primeiro momento de mudança de objecto). O segundo momento decorre no movimento de um objecto edipiano para o exogâmico, ou seja, do intra-familiar para o extra-familiar (op. cit.)

No caso de Anne, esta mudança é evidente no momento em que começa a interessar-se sexualmente por Peter no Anexo Secreto. Anne começa a distanciar-se cada vez mais dos pais,

especialmente da mãe, e aproxima-se de Peter, novo objecto de amor, o desconhecido e fora do meio familiar como foi referido anteriormente.

Algumas citações do diário servem para exemplificar esta problemática do distanciamento às figuras parentais: “Não consigo falar com ela (referindo-se à mãe), está a tornar-se cada vez mais impossível de dia para dia!” (Frank, 2011, p. 251); “Sinto falta de uns pais que me compreendam” (op. cit., p.211); “(ao escrever sobre os pais) Não confio em ninguém, a não ser em mim própria” (op. cit., p.282); “Nada me agradaria mais do que estar algum tempo sem a companhia deles, e eles não o compreendem” (op. cit., p.298)

E a aproximação ao novo objecto de amor: “Sempre que vou lá acima é para o poder ver (referindo-se a Peter)” (op. cit., p. 260); “Inspirámos o ar, olhámos para fora e sentimos ambos que o encanto não devia ser quebrado com palavras.” (op. cit., p. 265); “Oh ele fita-me com tanto calor nos olhos, acho que não será preciso muito para me apaixonar por ele” (op. cit., p.275); “Peter é um querido” (op. cit., p. 276); “Fico feliz quando o vejo e mais feliz ainda se o sol brilha quando estamos juntos” (op. cit., p. 279).

Há que realçar, uma vez mais, que esta adolescência não é vivida nas condições típicas de qualquer adolescente.

#### **4.3 Sexualidade de Anne**

Na evolução edipiana, paralelamente ao obstáculo da existência de um rival, há um outro impedimento: o da imaturidade do sujeito e inadequação do seu desejo (Matos, 2002). A criança defende-se deste desejo, pois para seu benefício narcísico, o melhor será renunciar o incesto que o exporá ao insucesso. O pequeno Édipo não está nesta fase preparado, nem anatomicamente nem psiquicamente, para as fantasias que constrói nem os desejos que as revelam; só estará preparado quando chegar à adolescência. A origem da sexualidade no ser humano, orienta-se, assim, por duas formas: uma psíquica, no período edipiano e outra biológica, na puberdade (op. cit., p. 169).

Interessa-nos agora que nos debrucemos sobre o desenvolvimento sexual feminino para depois realizar uma ponte com o caso de Anne Frank.

A aceitação do conceito de feminilidade por parte da adolescente sugere uma necessidade de abordar o processo através do qual as adolescentes integram as mudanças no seu desenvolvimento e nas suas capacidades sexuais femininas. Numa revisão da literatura clássica, torna-se evidente que “a rapariga chega a um acordo com a sua fertilidade e aumento da excitação sexual e também com o

desejo intensificado tanto para atrair o sexo oposto como para ser penetrada” (Evert, 1991, p.109). A discussão destas questões fornece uma matriz interpretativa para uma análise de temas sobre o desenvolvimento sexual na adolescência no Diário de Anne Frank.

Kestenberg (1975) escreveu de forma aprofundada sobre a consciência do espaço interior, tema que considera pertinente na análise do desenvolvimento sexual feminino. O autor tece algumas considerações percorrendo uma análise desde a infância até à adolescência. Na sua perspectiva, aos dois/três anos de idade as meninas não conseguem dar sentido aos seus órgãos genitais internos. Com a aproximação da adolescência os sentimentos de excitação sexual começam a ter lugar. Antes da menarca, segundo Kesterberg, a rapariga ainda não consegue localizar a fonte desta tensão e responde a isso com confusão, labilidade emocional e irritabilidade:

Algumas partes do seu corpo tornam-se uma fonte de excitação numa sucessão rápida e simultânea. Estas sensações confluem entre si, vão e voltam, tornando impossível identificar o foco. Algumas funções intelectuais tornam-se sexualizadas (...) Insatisfeita consigo mesma, ela reage ficando zangada e argumentativa porque é incapaz de satisfazer esta tensão (op. cit., p.65).

Aliada ao aumento de tensão sexual está também o rápido desenvolvimento físico e cognitivo durante esta fase. Bernstein (1991) estudou as dificuldades que podem apresentar em formar representações mentais da genitalia feminina. O facto do órgão sexual feminino não estar totalmente acessível para exploração visual e táctil faz com que a tensão que se cria seja problemática para a pré-adolescente.

Contudo, com o início da menstruação, o autor acredita que a rapariga começa a dar sentido ao seu órgão interno. As dores menstruais traduzem um mapa de localização do órgão e o sangrar fá-la perceber que este órgão está vivo, que existe e está em funcionamento. A adolescente começa a “aceitar o fluxo sanguíneo como um alívio e considera-o uma prova conclusiva da existência do seu órgão genital interno. Agora ela pode passá-lo de um nível secreto e vago, elevando-o a um estatuto comparado a uma caixa de jóias preciosa desejada pelos homens” (op. cit., p. 98).

Outro autor, Bloss (1962) escreveu acerca das paixões adolescentes e evidenciou que o interesse nestes objectos de amor dentro do grupo de pares são uma via de atenção e afecto fora do lar e têm a finalidade de iniciar uma descoberta de uma abordagem erotizada e sexualizada (op. cit., p.83). Outro foco de interesse das adolescentes está na crescente importância dada a mulheres mais velhas, alguém que tenha sido bem sucedido na integração da sexualidade.



Tal como Kestenger, Bloss também considera a menarca um ponto de viragem na consciência da evolução da adolescente enquanto ser feminino: “a polaridade do masculino e feminino recebe a sua fixação final e irreversível durante esta fase da adolescência. A menarca inicia e enfatiza esta polaridade” (1962, p.109). Num desenvolvimento bem sucedido, a adolescente reage à primeira menstruação renunciando a dependência da mãe e identificando-se com a capacidade reprodutiva da mesma. Quanto este processo é bem sucedido, a adolescente é também capaz de aceitar os seus desejos sexuais (Evert, 1991, p. 112).

O diário de Anne Frank mostra-se ser ilustrativo deste desenvolvimento da sexualidade feminina: o interesse numa figura feminina mais velha, a procura de um sentido para o seu espaço interno, a diferença observada no antes e depois da menarca e o desenvolver de um desejo sexual.

Anne encaixa no perfil de descrição dos estudos de Kestenberg e Bloss acerca da tensão criada no psíquico da adolescente, tensão esta que é exteriorizada. Uma das primeiras entradas do diário remonta a um episódio em que Anne teve de escrever uma composição como castigo intitulada de “Uma Tagarela” porque passava as aulas a falar. O argumento que Anne usou na composição foi o seguinte: “Argumentei que falar é uma característica feminina e que faria o meu melhor para a tentar controlar, mas que nunca conseguiria livrar-me desse hábito” (Frank, 2011, p. 27). Anne descreve-se a certa altura como um “feixe de nervos” dentro do Anexo Secreto e refere que mesmo antes de entrar no Anexo, sentia uma constante instabilidade emocional e irritabilidade. A título exemplificativo citamos uma carta que Otto escreve a Anne antes de entrarem no Anexo, a 12 de Maio de 1939: “Minha querida Anne, as coisas não têm sido tão fáceis contigo como com a tua irmã, contudo no geral o teu sentido de humor e amabilidade fazem com que consigas sair disso com muita facilidade. Tenho-te dito sempre que precisas de te educar. Nós concordámos entre nós com os “controles” e tu estás a esforçar-te para “engolir sapos” e aguentar não dizer sempre “mas”. Mesmo assim, gostas de te mimar a ti própria e principalmente de ser mimada pelos outros. Nada disto será mau (a tua forma de ser e a tua personalidade) se te mantiveres tão boa pessoa, decente e adorável como sempre foste (Müller, 1998).

Esta fase de agitação corresponde ao que Kestenberg (1975) defende como sendo a resposta da adolescente à tensão interna que é experienciada como uma tensão psicológica exteriorizada.

No que toca à identificação com uma figura feminina mais madura no início da adolescência, Anne tinha as suas opções limitadas: a mãe, a Sr<sup>a</sup>. van Pels, Miep Gies e Bep Voskuijl. Foram as duas últimas que ocuparam este lugar. Quando Miep e Bep visitavam os ocupantes do Anexo, Anne aproveitava para falar com elas o máximo que conseguia, gostava de saber mais sobre as suas vidas,

fazia as suas confissões e admirava-as enquanto mulheres. Fantasiava também com o casamento de Miep com Jan como se de estrelas de cinema se tratasse.

Indo de acordo com revisão teórica realizada, a menarca foi para Anne uma experiência organizadora e marcante: “Acho que o que me está a acontecer é maravilhoso, e não me refiro apenas às que estão a ocorrer no interior (...) Sempre que estou com o período (e ainda só começou há três meses), tenho a sensação de que, apesar de toda a dor, desconforto e sujidade, trago comigo um doce segredo” (Frank, 2011, p.219). Dalsimer (1982), relacionando a perspectiva de Kestenberga na reflexão sobre o caso Anne Frank, notou que a maior parte das referências de Anne em relação ao seu interior estão no período pós-menarca do diário. Foi, de facto, após a menarca que a tensão sentida por Anne tornou-se mais focada e direccionada. Esta tensão tomou a forma de um desejo quase palpável cuja origem ela ainda não sabia identificar e nomear: “O Sol brilha, o céu está azul, há uma brisa magnífica (...) Sinto-me como se estivesse prestes a explodir. (...) Acho que a Primavera está dentro de mim. Sinto a Primavera despertar, sinto-a em todo o meu corpo e em toda a minha alma. Tenho de me esforçar para agir normalmente. Estou num estado de total confusão, não sei o que ler, o que escrever, o que fazer. Só sei que anseio por qualquer coisa...” (12 de Fevereiro de 1944, p.252). Chega a ser interessante a escolha da Primavera na descrição do seu estado emocional. Primavera, uma estação de mudanças visíveis e bonitas, de uma total revolução e renovação, onde tudo renasce e fica colorido, onde se vê a Natureza a ganhar vida. Tal como Coimbra de Matos (2002) nos escreve: “Na adolescência, a experiência necessária de ocorrer é a relação amorosa; assim como, na Primavera, para que a florescência se dê é preciso calor” (op. cit., 194).

À medida que a adolescente se distancia da mãe, começa também a experimentar os seus poderes de sedução (Blos, 1962). Este poder manifesta-se quando o seu corpo ainda não lhe é totalmente conhecido e numa fase em que ainda não está preparada psiquicamente para a relação física sexualizada. Ao analisar as passagens de Anne, torna-se claro que o desejo de incorporação e sedução tem continuidade para além da fase pré-adolescente. Evert (1991), considera que pode acompanhar-se o desenvolvimento da sexualidade da adolescente da seguinte forma: (1) começa por uma fixação nos rapazes antes da entrada na adolescência, dando grande importância à atenção que lhe dão; (2) numa fase inicial da adolescência repudia esse interesse mas não deixa de o observar noutras pessoas; (3) chega depois a uma fase onde experiencia desejos e pulsões intensas com a aspiração de atrair o sexo oposto para si.

Nesta fase do trabalho, colocaremos a data das passagens do diário para uma análise mais facilitada ao longo do tempo que Anne passou no Anexo. Indo de encontro com a teoria de Blos,

Anne começa o diário a contar que tinha muitos admiradores na escola: “Tenho um monte de admiradores que não conseguem tirar os olhos de cima de mim e que, por vezes, têm de recorrer ao uso de um espelho de bolso para conseguirem apanhar um vislumbre meu na sala de aula.” (20 de Junho de 1942, p.21). Descrevendo uma tarde de ping-pong com os amigos diz ainda: “Há muito que deixámos de procurar dinheiro nas nossas malas – a maior parte das vezes há lá tanta gente que conseguimos encontrar alguns jovens generosos nossos conhecidos, ou um admirador, que nos ofereça mais gelado do que conseguiríamos comer numa semana” (20 de Junho de 1942, p. 24). “Assim que um rapaz pergunta se pode acompanhar-me de bicicleta até casa e começamos a falar, nove vezes em cada dez posso ter a certeza de que ele se enamorará imediatamente por mim e não tirará os olhos de cima um segundo.” (20 de Junho de 1942, p.25). O interesse inicial de Anne pelos rapazes ainda é muito superficial e em tom de gozo. E continua dizendo: “O seu ardor acaba por arrefecer, principalmente porque eu ignoro os seus olhares apaixonados e sigo o meu caminho, pedalando jovialmente. (...) É claro, há aqueles que mandam beijos e tentam segurar-me no braço, mas esses estão definitivamente a bater à porta errada.” (20 de Junho de 1942, p.25). É, portanto, uma fase em que sente que se faz notar e que é admirada pelo sexo oposto, contudo, não se sente completamente confortável com este novo interesse aos 13 anos: “Provavelmente estás um pouco surpreendida por me ouvir falar de admiradores numa idade tão tenra” (20 de Junho de 1942, p.24). Parece estar presente um esforço em controlar a exteriorização dos seus impulsos.

Quando Anne e a sua família se escondem, ela começa a observar a Sr<sup>a</sup>. van Pels e condena o seu comportamento quando neste está implícita alguma tentativa de sedução, o que vai de encontro ao segundo ponto do estudo de Bloss referido acima. Servem de exemplo passagens do diário, como “As tentativas dela namoriscar (...) são para mim uma fonte de irritação. Ela dá-lhe palmadinhas no rosto de na cabeça, sobe a saia e faz observações supostamente espirituosas para chamar a atenção” (1 de Outubro de 1942, p.72).

Chega-se depois à terceira fase proposta por Bloss. Anne, que no início não identificava qualquer interesse no único rapaz no Anexo - Peter (“É um rapaz muito tímido e desajeitado cuja companhia não promete muito” – passagem do dia 14 de Agosto de 1942, p.49), começou a olhar para ele doutra forma. A 6 de Janeiro de 1944, Anne confessa que os seus sentimentos por Peter sofreram mudanças: “O meu desejo de ter alguém com quem falar tornou-se tão insuportável que, por alguma razão, meti na cabeça escolher Peter para esse papel” (op. cit, p.221). Anne começa, assim, a frequentar o quarto de Peter sob o pretexto de o ajudar nas palavras cruzadas. “Tive uma sensação maravilhosa quando olhei para os seus olhos azuis-escuros e vi como a minha visita inesperada o

tinha feito sentir envergonhado. Consegui ler os seus pensamentos mais íntimos, e no seu rosto vi uma expressão de desamparo e incerteza quanto a como agir, e ao mesmo tempo um tremeluzir de consciência da sua masculinidade. Apercebi-me da sua timidez e derreti-me toda” (op. cit., p.221).

Ao mesmo tempo que se tentava aproximar, Anne entrava em conflito com esta vontade – “Nessa noite fartei-me de chorar na cama (...) A ideia de ter de suplicar pela boa vontade de Peter era simplesmente revoltante. Mas as pessoas fazem quase tudo para satisfazer os seus desejos (...)” (6 de Janeiro de 1944, p.221).

Quando se apercebe que a sua aproximação surtiu efeito, escreve as seguintes entradas: “Muita coisa mudou para mim desde sábado (...) eu estava a ansiar por alguma coisa (e ainda estou) mas... uma pequena parte do problema, muito pequena, resolveu-se. No domingo de manhã reparei, para minha grande alegria (...) que Peter não tirava os olhos de cima de mim. Não da forma habitual.” (14 de Fevereiro de 1944, p. 253); “Oh, ele fita-me com tanto calor nos olhos; acho que não será preciso muito para me apaixonar por ele” (3 de Março de 1944, p. 275). À medida que a relação progrediu, tanto o desejo de se aproximar cada vez mais de Peter e o conflito e ambivalência que este desejo provocava, foram aumentando e tornando-se mais intensos: “Estará certo? (...) Poderei eu, uma rapariga, permitir-me ir tão longe? (...) terei eu realmente 14 anos? (...) Tenho tanto medo de mim mesma, medo de que o meu desejo me esteja a fazer ceder demasiado cedo. (...) Oh é tão difícil, a eterna luta entre o coração e a mente.” (28 de Abril de 1944, p. 361-363).

Ao tornarem-se mais íntimos, Anne começou a sentir-se frustrada por não avançarem mais na relação (queixava-se que apenas ficavam abraçados durante muito tempo) e pensou em mostrar a Peter algumas passagens do diário como estratégia dele se aproximar mais dela. A formulação de Anne sobre este desejo é tanto intelectual como sexual (Evert, 1991): “Estará certo eu ceder tão depressa, ser tão apaixonada, estar repleta de tanta paixão e desejo por Peter?” (28 de Abril de 1944, p. 362); “Será ele a única pessoa a ver o que se esconde por trás da minha máscara de granito? Demorará muito tempo?” (16 de Março de 1944, p. 297); “Desejo tanto que ele me beije, mas esse beijo está a demorar uma eternidade” (1 de Abril de 1944, p. 329). O primeiro beijo tomou finalmente lugar a 15 de Abril de 1944 e foi vivido de forma muito intensa por Anne: “Fixa a data de ontem pois foi um dia de festa para mim. Não é sempre um dia importante, para qualquer rapariga, quando recebe o primeiro beijo? (...) Eu mal conseguia falar, o meu prazer era demasiado intenso” (op. cit., p.349).

Anne acabou por se afastar de Peter por se sentir frustrada com a falta de entrega total por parte dele e pelas limitações que encontrou a nível intelectual e de maturidade: “É verdade, Peter ama-me,

não como namorada, mas como amiga. O seu afecto cresce de dia para dia, mas alguma força misteriosa nos está a prender (...) Por vezes penso que o meu terrível desejo por ele foi demasiado exagerado. (...) Peter é amável e bom, e contudo não posso negar que me desapontou de muitas maneiras” (13 de Junho de 1944, p.412); “Anne, sê honesta! Não poderias casar com ele. (...) Peter ainda tem tão pouco carácter, muito pouca força de vontade, muito pouca coragem e força” (28 de Abril de 1944, p. 363). Anne continua a ansear por algo mais autêntico e maduro: “Ainda é uma criança, a nível emocional não é mais velho do que eu” (28 de Abril de 1944, p. 363); “ Peter e eu passámos os nossos anos de contemplação no Anexo. Discutimos muitas vezes o futuro, o passado e o presente mas, como já te disse, sinto falta de algo mais autêntico e, no entanto, sei que existe!” (13 de Junho de 1944, p.413); referindo-se a Peter escreve: “Simplesmente não tem um objectivo!” (6 de Julho de 1944, p. 421). Esta desilusão com Peter revela um crescimento emocional em Anne e uma capacidade surpreendente de se distanciar e abordar a situação: “Peter está a começar a apoiar-se em mim e não quero isso, em circunstância alguma. Já é bastante difícil uma pessoa caminhar com as suas próprias pernas, mas quando se tem também de ser fiel ao nosso carácter e à nossa alma, é ainda mais difícil” (6 de Julho de 1944, p. 421).

Já no período final no Anexo, Anne diz sentir-se culpada por este relacionamento ter acontecido e progredido: “Sei muito bem que fui eu que o conquistei a ele, e não o contrário. (...) Consegui o que me propus fazer, a atraí-o, lenta mas inevitavelmente, em direcção a mim” (15 de Julho de 1944, p.428). Nesta passagem do diário, a escritora parece revelar consciência do seu poder de atracção sendo que para ela se torna evidente que foi a própria a provocar a aproximação. No seu inconsciente outras necessidades, não só intelectuais e emocionais mas também a nível sexual, ficaram por cumprir: “Falamos sobre coisas tão íntimas, mas ainda não tocámos nas que estão mais próximas do meu coração. (...) O tempo que passamos juntos deixa-o perfeitamente satisfeito, mas a mim apenas me dá vontade de começar tudo de novo. Nunca abordámos assuntos que tenho vontade de trazer à luz do dia” (15 de Julho de 1944, p.428-429). Segundo Evert (1991), estas passagens representam o culminar do desenvolvimento sexual de Anne dentro do Anexo.

**PARTE V**  
**CONCLUSÃO**

## 5. Considerações finais

Anne Frank foi uma criança e adolescente como tantas outras, com uma imensa alegria de viver, socialmente activa, com muita energia e sentido de humor. Frequentemente descrita como uma pessoa com um sentido crítico apurado, com uma aptidão especial para dissecar os seus sentimentos a partir da escrita e com uma coragem enorme para enfrentar as adversidades que se colocaram no seu caminho (Schnabel, 2003), é a partir do diário e da recolha de testemunhos de pessoas que a conheceram que confirmamos estas características da sua personalidade. A escrita de Anne é tão pessoal e sem rodeios, que o leitor sente que Anne está a falar consigo. Quase que nos conseguimos transportar para o Anexo Secreto e sentir o tumulto de emoções pelo qual Anne passou.

Com uma admirável capacidade de reflexão sobre os seus sentimentos, conhecimento de si-mesma e sobre a vida em seu redor (no Anexo) e fora, Anne revela uma maturidade que vai crescendo ao longo do diário. Nesta crescente maturidade, pode observar-se uma ascensão muito rápida no nível de abordagem aos temas e conteúdos do mundo dos adultos.

A adolescência é o período de desenvolvimento psíquico mais nobre, intenso mas também mais conturbado. (Matos, 2005). Procurando responder às questões a que nos propusemos, analisámos de que forma Anne viveu a sua adolescência num local fechado, com constante ameaça de morte e sem ser possível um afastamento familiar e procura de um ambiente libertador entre os pares. Estudámos também que mecanismos Anne usou para o seu mundo interno não se desmoronar.

Ao ter de ficar fechada no Esconderijo, Anne não vive a sua adolescência em pleno: “Tudo o que eu quero é ser uma adolescente a sério! (Frank, 2011, p. 231) Está privada de um grupo de pares tão importante nesta fase, está privada de liberdade, quer afastar-se dos pais e não tem oportunidade para tal, não consegue ter o seu espaço privado: “As relações aqui no Anexo estão cada vez piores” (op. cit., 185), “A atmosfera está opressiva, sonolenta e pesada como chumbo (...) Em alturas como esta, o papá e a mamã e Margot são-me completamente indiferentes” (op. cit., p.192). Este espaço privado e único é criado pelo Diário. Coimbra de Matos (2002) escreve que a necessidade de aventura, se não satisfeita (como foi o caso de Anne), pode condicionar um comportamento autístico de realização imaginária com importante introversão, que é susceptível, no entanto, de ser orientado (se as circunstâncias assim o permitirem) para a actividade criativa.

Uma componente importante deste trabalho foi estabelecer esta ponte entre a expressão emocional através da escrita, que nos faz levantar a questão e ir de encontro ao segundo objectivo deste estudo: Acreditamos que a escrita, enquanto forma expressiva e criativa, pode revelar-se um

potencial reparador do mundo interno do indivíduo. E assumimos que o Diário parece apresentar esta capacidade reparadora, de *rêverie*, em Anne.

A autora, encontrou na escrita uma forma de poder exprimir os seus sentimentos, ideais, valores e opiniões como se de uma melhor amiga se tratasse e acabou por utilizar a expressão escrita como uma ferramenta terapêutica, uma forma para o seu mundo interno não se desorganizar. Pode, então, falar-se numa certa reparação do *self* a partir da escrita. Com este caminho percorrido, podemos inferir, também, que a escrita pode ser catalisadora em contexto psicoterapêutico, principalmente em casos de sujeitos que tenham dificuldade em expressar-se falando. O mundo da escrita, pode revelar-se para estas pessoas, um refúgio pessoal com destino à mudança.

A adolescência de Anne dentro do Anexo foi analisada sobre uma perspectiva de uma adolescência vivida em condições muito peculiares. Vimos que o desejo dos adolescentes é terem uma crescente autonomia e independência e um menor controlo por parte dos pais, autonomia que para Anne se tornava muitas vezes impossível. As questões que se colocam neste momento do desenvolvimento são a separação do núcleo familiar, a aproximação do grupo de pares, a exploração da sua identidade e a oportunidade de renegociar as regras colocadas pelos pais e as relações entre os membros familiares. (Noller e Callan (1991 cit. por Noller, 1994). A adolescência é, como vimos, por um lado, o tempo do trabalho de luto das figuras parentais, o luto pela infância, o luto do outro, uma época de assunção da identidade própria e da escolha do objecto de amor (Matos, 2002, p.132).

O distanciamento das figuras parentais é necessário e num período em que Anne mais sente essa necessidade, é quando se vê obrigada a (con)viver com os pais e irmã todos os dias, todas as horas e todos os minutos. Não há uma oportunidade para respirar ar puro fora deste meio familiar, cada comportamento de Anne é passível de ser analisado e criticado ao pormenor pelos pais, e o distanciamento físico, mais que o psíquico, não se torna possível dentro do Anexo. Mais do que em qualquer outro adolescente, esta mudança de objecto torna-se um processo de grande sofrimento e frustração. Contudo, Anne consegue aos poucos criar esta distância, na medida do possível, e executar a mudança de objecto de amor que a literatura refere como importante no decorrer do desenvolvimento da sexualidade do adolescente.

Ao realizar uma análise do processo de integração genital na Anne, torna-se claro que a adolescência vivida no feminino trata-se de uma sequência desenvolvimental progressiva. A sua consciência de um crescimento interno e do seu potencial ajudaram-na a passar este período sombrio, aterrorizante e repleto de dúvidas. Anne conquistou o seu poder de sedução e confrontou-se com os seus desejos e medos a um nível emocional e sexual.



Como o próprio título indica, este trabalho propõe-se a ser apenas um olhar, uma leitura pessoal e subjectiva acerca da Obra, pelo que outras sugestões de análise poderão ter lugar no futuro.

Seria interessante a realização de outras leituras que incidissem na relação de Anne e Edith (mãe) que se mostrou conflituosa antes e durante a vivência no Anexo. Outros pontos que deixamos como sugestão: olhar o Diário a partir das Teorias de Vinculação; e explorar a temática da morte e o confronto com a finitude presentes no diário a partir de uma abordagem existencial.

Concluimos, dizendo que através do diário, Anne busca significados para o que está a sentir. Não somente percebe as transformações que nela ocorrem como sobretudo nelas se percebe.

“Eu queria que as palavras  
atravessassem muros,  
fizessem saltar fechaduras,  
abrissem janelas”

Michel Foucault

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anne Frank House (2012). *Anne Frank's history: All people*. Consultado a 19 de Março de 2012 através de <http://www.annefrank.org/en/Anne-Franks-History/All-people/>
- Anne Frank House (2003). *The world of Anne Frank*. Londres: Pan Macmillan Limited.
- Barel, E., Sagi-Schwartz, A., IJzendoorn, M. H. & Bakermans-Kranenburg, M. (2010). Surviving the Holocaust: Meta-Analysis of the Long-Term Sequelae of a Genocide. *American Psychological Association*, 136 (5), 677-698.
- Bernstein, D. (1991). Female genital anxieties, conflicts and typical mastery modes. *International Journal of Psychoanalysis*, 71, 151-167.
- Bion, W. R. (1963). *The elements of Psycho-analysis*. London: Heineman.
- Bloss, P. (1962). *On Adolescence*. Nova Iorque: Free Press
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi (Tradução do original em língua francesa L'adolescence aux mille visages. Paris: Éditions Odile Jacob).
- Braham, R. (1988). *The Psychological Perspectives of the Holocaust and of its Aftermath*. Boulder, CO: Social Science Monographs.
- Cameron, L. D., & Nicholls, G. (1998). Expression of stressful experiences through writing: Effects of a self-regulation manipulation for pessimists and optimists. *Health Psychology*, 17, 84-92.
- Carreiras, M. (2005). *Da criação e da morte – peregrinação pela obra de Paul Celan*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Cole, M., & Cole, S. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed.
- Delgado, L. (2012). *Psicanálise e criatividade: estudo psicodinâmico dos processos criativos artísticos*. Lisboa: Edições ISPA.
- Eitinger, L.; Robert, K. & Rieck, M. (1985). *The psychological and medical effects of concentration camps and related persecutions on survivors of the Holocaust: A research bibliography*. Vancouver: University of British Columbia Press.

- Esteban, C. & Muhlstein, A. (1975). *Grande crónica da Segunda Guerra Mundial* – Vol.2. Lisboa: Selecções do Readers's Digest.
- Evert, E. (1991). Sexual integration in female adolescence - Anne Frank's Diary as a study in healthy development. *Psychoanalytic Study of the Child*, 46, 109-119.
- Ferreira, B. (2010). Slides de apoio às aulas de Desenvolvimento Sócio-Emocional na Adolescência – *Tarefas Psicológicas Específicas no Desenvolvimento Social e Afectivo na Adolescência*.
- Figueiras, M. & Marcelino, D. (2008). Escrita terapêutica em contexto de saúde: Uma breve revisão. *Análise Psicológica*, 2 (26), 327-334.
- Frank, A. (2011). *Diário de Anne Frank – Versão Definitiva*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Freud, S. (1908). *Creative Writers and Daydreaming*. Consultado a 22 de Outubro de 2012 através de <http://narrativetheory.wikispaces.com/file/view/freudreadings.pdf>
- Freud (1915). *Escritos sobre a guerra e a morte*. Covilhã: LusoSofia Press.
- Gies, M. & Gold, A. L. (1987). *Anne Frank Remembered: the story of the woman who helped to hide the Frank family*. Nova Iorque: Simon & Schuster Paperbacks.
- Gilbert, M. (2009). *A Segunda Guerra Mundial*. Alfragide: Dom Quixote.
- Green, A. (1975). Creativity and Art. Idealization and Catharsis. In *The Psychoanalytic Study of Society*, Vol. 6 . Warner Muensterberger & Aaron H. Esman (Eds.). Nova Iorque: International Universities Press, Inc.
- Grinberg, L. (2000). *Culpa e Depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Gutman, I. (1990). Survivors, Psychology of. In *Encyclopedia of the Holocaust* (pp. 1426-1434). New York: Macmillan.
- Hurwitz, J. (1988). *Anne Frank: Life in hiding*. E.U.A.: Avon Books, Inc.
- Kaufman, S.B., & Kaufman, J.C. (Eds.) (2009). *The Psychology of Creative Writing*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kestenberg, J. S. (1975). *Children and Parents*. Nova Iorque: Jason Aronson.

- Kllermann, N. (1999). Diagnosis of holocaust survivors and their children. *Israel Journal of Psychiatry & Related Sciences*, 36 (1), 56-65.
- LaCapra, D. (2001). *Writing History, Writing Trauma*. Baltimore: Johns Hopkins University Press
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B (1967/1970). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes.
- Lee, C. (1999). *Rosas da Terra: A Biografia de Anne Frank*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Levi, P. (1958). *Se isto é um Homem*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Lira, F. (2010). *Etapas da Adolescência*. Consultado no dia 21 de Junho de 2012 através da fonte <http://educacao.aaldeia.net/etapas-adolescencia/>
- Machado, T. S. & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 7(1), 97-115.
- Malraux, A. (1947). *Psychologie de l'Art*. Paris: Grasset.
- Matos, A. C. (2002). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Metselaar, M. & Van der Rol, R. (2004). *The life of Anne Frank*. Londres: Macmillan Books.
- Müller, M. (1998). *Anne Frank: The biography*. London: Bloomsbury Publishing Plc.  
(Tradução do original em língua alemã *Das Mädchen Anne Frank*. Munique: Paul List Verlag).
- Noller, P. (1994). Relationships with parents in adolescence: process and outcome. In R. Montemayor, R. Adams, & P. Gullotta (Eds.), *Personal Relationships During Adolescence* (pp. 37-77). Thousand Oaks: Sage Publications,
- Outeiral, J. (2001). *Sigmund Freud e a adolescência*. Consultado a 5 de Junho de 2012 através de <http://www.joseouteiral.com.br/>
- Ostrower, F. (1977). *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Pennebaker, J. W., & Beall, S. (1986). Confronting a traumatic event: Toward an understanding of inhibition and disease. *Journal of Abnormal Psychology*, 95, 274–281.

- Rodrigues, E. V., Samagaio, F., Ferreira, H., Mendes, M. M. & Januário, S. (1999). A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal. *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 9. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Shaffer, D. R. (2005). *Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência*. São Paulo: Thomson.
- Schnabel, E. (2003). *No rasto de Anne Frank*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Schwartz, M. (2009). Relocating the Holocaust : testimonies and traumas. In F. Pereira (Ed.), *Literature and Psychoanalysis* (pp. 243-247). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada
- Shirer, W. (1975). *Grande crónica da Segunda Guerra Mundial*, Vol. 2. Lisboa: Selecções do Readers's Digest.
- Shvoong (2007). *Construção da Identidade na Adolescência*. Consultado a 21 de Junho de 2012 através de <http://pt.shvoong.com/humanities/1678031-constru%C3%A7%C3%A3o-da-identidade-na-adolesc%C3%Aancia/>
- Sorj, B. (2004). *Identidade e identidades judaicas*. Consultado a 15 de Novembro de 2012 através de <http://www.bernardosorj.com.br/>
- Sprinthall, N. A., Collins W. A. (1988). *Psicologia do Adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista* (4ª ed.) Lisboa: Gulbenkian.
- Van der Rol, R. & Verhoeven, R. (1993). *Anne Frank: Beyond the diary. A photographic remembrance*. Nova Iorque: Puffin Books.
- Winnicott, D. (1961). La adolescencia. In : D. Winnicott (Ed.), *La familia y el desarrollo del individuo* (1967) Buenos Aires: Hormé.